

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

Gabriele Wagner de Souza

**JORNALISMO E QUALIDADE DE VIDA: REFLEXOS DAS
MUDANÇAS ESTRUTURAIS DO JORNALISMO NA VIDA PESSOAL
DOS JORNALISTAS DE SANTA MARIA/RS**

Santa Maria, RS
2017

Gabriele Wagner de Souza

**JORNALISMO E QUALIDADE DE VIDA: REFLEXOS DAS
MUDANÇAS ESTRUTURAIS DO JORNALISMO NA VIDA PESSOAL
DOS JORNALISTAS DE SANTA MARIA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção de grau de **Bacharel em Comunicação Social** – Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Strelow Storch

Santa Maria, RS
2017

Gabriele Wagner de Souza

**JORNALISMO E QUALIDADE DE VIDA: REFLEXOS DAS
MUDANÇAS ESTRUTURAIS DO JORNALISMO NA VIDA PESSOAL
DOS JORNALISTAS DE SANTA MARIA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção de grau de **Bacharel em Comunicação Social** – Jornalismo

Aprovado em 09 de outubro de 2017:

Laura Strelow Storch, Dra (UFSM)
(Orientadora)

Maicon Elias Kroth, Dr. (UFSM)

Mirian Redin de Quadros, M^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador de Tudo que É.

Agradeço as minhas gerações passadas pois graças a elas posso viver nesse tempo.

Agradeço aos meus pais, Valteli e Bethy, por tornarem possível a realização desse curso superior e por me amarem incondicionalmente.

Agradeço aos meus irmãos, Nátalye e Diego, à minha cunhada Fernanda, e aos meus sobrinhos, Heitor e Esther. Saber que eles existem é sempre uma motivação a mais para acordar todos os dias.

Agradeço as minhas amigas, Luana, Aline e Clara, por juntas formarmos o quarteto fantástico nesses quatro anos de faculdade. Especialmente à Clara, minha alma gêmea amiga. Agradeço também à Camila por todas as ideias trocadas sobre teorias e metodologias de pesquisa e por ouvir todas as minhas incertezas e inseguranças durante esse processo.

Agradeço à minha orientadora, Laura Storch, por toda dedicação e atenção a mim despendida nesse processo e por cada novo tema de TCC que eu inventava, sempre dizer: “Vamos fazer”.

Agradeço à minha banca, Mirian Quadros e Maicon Kroth, por aceitarem avaliar o meu trabalho.

Agradeço aos jornalistas entrevistados que aceitaram fazer parte desse trabalho.

Agradeço aos professores que tive nessa jornada acadêmica.

Agradeço ao PETCom e ao programa Ecolândia por contribuírem em minha formação acadêmica e principalmente humana.

Por fim, posso dizer que concluo esse processo com gratidão e aberta às novas possibilidades da vida.

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.
(José Saramago)

RESUMO

JORNALISMO E QUALIDADE DE VIDA: REFLEXOS DAS MUDANÇAS ESTRUTURAIS DO JORNALISMO NA VIDA PESSOAL DOS JORNALISTAS DE SANTA MARIA/RS

AUTORA: Gabriele Wagner de Souza
ORIENTADORA: Laura Strelow Storch

O presente estudo trata sobre como a vida pessoal dos jornalistas é afetada pelo trabalho, tendo em vista que é uma profissão que passa por mudanças estruturais. Para compreender essas mudanças, utilizamos conceitos de Adghirni (2012) quando trata das rotinas produtivas, da desregulamentação profissional e das mudanças de perfil dos jornalistas. Pretendeu-se investigar como as mudanças estruturais do jornalismo afetam a vida pessoal dos jornalistas, verificou-se como os diferentes vínculos de trabalho exercidos têm relação com a qualidade de vida do jornalista, foi entendido como o jornalista se define como profissional e como define a profissão e por fim foi compreendido o que motiva o jornalista a ingressar e a permanecer na profissão. Como recorte de pesquisa, optou-se por investigar essas questões no cenário profissional de Santa Maria/RS. A partir disso, a pesquisa justifica-se por trazer à tona fragmentos do imaginário da profissão e de como o profissional se percebe diante das transformações do mundo jornalístico. Foram realizadas cinco entrevistas com profissionais da cidade que depois foram analisadas através da análise de conteúdo. A partir das quatro categorias formadas – sentido do trabalho, organização do trabalho, vida pessoal e trabalho, e prazer e sofrimento no trabalho – percebeu-se que mesmo que os jornalistas reconheçam as dificuldades da profissão, sua relação emocional com o Jornalismo faz com que permaneçam nele. Constatou-se que o único entrevistado que disse não ter qualidade de vida no trabalho, a partir do que considera como qualidade de vida no trabalho, foi o jornalista freelancer. Nas falas dos entrevistados apareceram também a questão da precarização da profissão, a pouca valorização, o ritmo intenso de trabalho e o desempenho de múltiplas funções.

Palavras-chave: jornalistas; mudanças estruturais; vida pessoal; qualidade de vida; Santa Maria

ABSTRACT

JOURNALISM AND QUALITY OF LIFE: REFLECTIONS OF THE STRUCTURAL CHANGES OF JOURNALISM IN THE PERSONAL LIFE OF THE JOURNALISTS OF SANTA MARIA / RS

AUTORA: Gabriele Wagner de Souza
ORIENTADORA: Laura Strelow Storch

The present study deals with how the journalists' personal life are affected by work, given that it is a profession that undergoes structural changes. To understand these changes, we use Adghirni (2012) concepts when it comes to productive routines, professional deregulation and changes in the journalists profiles. The aim is to investigate how the structural changes in journalism affect journalist's personal lives, as well as to verify how the different work links are related to the journalist's quality of life, to understand how journalists define themselves as professionals and how they define their profession and finally to understand what motivates the journalist to enter and remain in the profession. As a research cut, we chose to investigate these issues in the professional area of Santa Maria, RS. From this, the research is justified by bringing to the surface fragments of the imaginary of the profession and of how the professional perceives itself against the transformations of the journalistic world. Five interviews were conducted with city's professionals and then were analyzed through content analysis. From the four categories formed - work sense, work organization, personal life and work, and pleasure and suffering at work - it was noticed that even if journalists recognize the difficulties of the profession, their emotional relationship with Journalism makes them remain in it. It was found that the only interviewee who said that he did not have quality of life at work, based on what he considers as quality of life, was the freelance journalist. In the statements of the interviewees also appeared the question of the precariousness of the profession, the low valorization, the intense rhythm of work and the performance of multiple functions.

Keywords: Journalists; structural changes; personal life; quality of life; Santa Maria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categorias de análise	46
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JORNALISMO: ESTRUTURAS EM MUTAÇÃO.....	14
1.1 “JORNALISTA DECISÃO STF” – UMA PROFISSÃO DESREGULAMENTADA.....	15
1.2 PERFIL E IDENTIDADE PROFISSIONAL.....	18
1.3 ROTINAS PRODUTIVAS.....	22
2 A CENTRALIDADE DO JORNALISMO NA VIDA DOS JORNALISTAS.....	25
2.1 QUANDO VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL SE FUNDEM.....	27
3 PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	36
3.1 JORNALISMO SANTA-MARIENSE.....	37
3.2 COLETA DE DADOS E ANÁLISE	38
4 ENTRANDO NO MUNDO DOS JORNALISTAS	47
4.1 ESTÁ DECIDO: VOU SER JORNALISTA	47
4.2 RITMO INTENSO, ROTINA ACELERADA.....	53
4.3 NA VIDA PROFISSIONAL: JORNALISTA. NA VIDA PESSOAL: JORNALISTA.....	60
4.4 TRABALHO QUE DÁ PRAZER, TRABALHO QUE FAZ SOFRER.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

O jornalismo vem passando por profundas mudanças desde as últimas décadas. Mudanças que dizem respeito ao espaço de trabalho, a demarcação da profissão em relação a outras profissões, ao tempo de apuração e produção das informações dentre tantas outras modificações. O profissional já não é mais o mesmo de décadas passadas e é parte indissociável dessa engrenagem que está em curso. Seu perfil profissional mudou, sua jornada de trabalho, seu tempo para se planejar, sua relação com o sindicato que lhe representa, todos esses elementos estão em reconfiguração. Para Heloani (2006, p. 186) é “evidente que as mudanças no mundo do trabalho, em termos tecnológicos, impactaram de forma negativa a qualidade de vida dos trabalhadores jornalistas”.

As habilidades exigidas aos profissionais aumentaram de maneira desproporcional à sua valorização. As rotinas profissionais dos jornalistas estão cada vez mais exaustivas. Isso vale tanto para os que estão no início da profissão – normalmente submetidos a condições de trabalho mais submissas em relação as imposições da empresas contratante – quanto para os que podem ser considerados por muitos como as pessoas que alcançaram o “topo” da carreira: os correspondentes internacionais de grandes grupos jornalísticos. Quantas interpretações possíveis se pode fazer do desabafo ao vivo da repórter Ilze Scamparini, que em novembro de 2015, fazendo a cobertura do atentado na França durante uma entrada ao vivo no telejornal de maior audiência do país, profere a frase: “Peço desculpas pelo cansaço extremo e gostaria de me apresentar em melhor forma. Mas vamos lá.”¹

Em maio desse ano os jornais brasileiros repercutiam uma notícia nada animadora para os profissionais do jornalismo: Ser repórter de jornal foi considerado a pior profissão, em meio a uma lista com 200 atividades profissionais. O levantamento² foi realizado por um site americano de empregos que todo ano faz a lista das melhores e piores profissões. O ranking considera as demandas físicas, o ambiente de trabalho, a renda, o estresse e as perspectivas de contratação. Essa profissão apresentava uma expectativa de crescimento de -8%. Em segundo lugar na lista estava o locutor de rádio, com expectativa de crescimento de -9%.

Ao mesmo tempo em que víamos essas notícias, percebíamos também, no âmbito pessoal, colegas formados recentemente sem conseguir empregos na área e muitas vezes até

¹ A maneira como repercutem as exaustivas rotinas produtivas dos jornalistas, sob a ótica do humor ou da curiosidade, também dariam um estudo a parte. Nesse caso, por exemplo, as manchetes eram “Repórter da Globo reclama de ‘cansaço extremo’ e internautas zoam” do Uol Vírgula, ou ainda “Repórter da Globo reclama de cansaço ao vivo e faz sucesso nas redes sociais”, do Diário Gaúcho.

² Informação disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/veja-lista-com-as-10-melhores-e-piores-profissoes-para-2017.ghtml> Acesso em: 25 de setembro de 2017.

optando por fazer uma segunda faculdade. Só no Estado do Rio Grande do Sul existem 22 cursos de Jornalismo. Destes, 17 são oferecidos em instituições privadas e 5 em instituições federais.³ Isso significa que todos os anos milhares de profissionais são formados por instituições em todo o país e vão em busca do exercício profissional em um mercado cada vez mais enxuto, dinâmico e flexível.

Todas essas informações foram nos motivando a tentar entender o que acontecia com o campo profissional do jornalismo. Pensar a reestruturação da profissão é importante para compreender o cenário que se apresenta. E ouvir quem está diretamente atuando no campo poderia nos trazer respostas para algumas questões. Assim, decidimos que esse trabalho teria como tema os reflexos das mudanças estruturais do jornalismo na vida pessoal dos jornalistas e, para entender como isso se dava, entrevistaríamos jornalistas de Santa Maria.

A partir da observação do mundo do trabalho desse profissional, “a partir de sua fala sobre a atividade de trabalho e a partir da configuração de seu perfil, compreenderemos os problemas, os desafios e as tendências do seu exercício profissional” (FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013, p. 13).

Nosso problema de pesquisa foi definido com a questão: de que maneira as mudanças estruturais que vem ocorrendo no Jornalismo afetam a vida pessoal do jornalista? Como objetivo geral definimos investigar quais as consequências das mudanças estruturais do Jornalismo na vida pessoal dos jornalistas. Nossos objetivos específicos consistem em: Verificar como os diferentes vínculos de trabalho exercidos têm relação com a qualidade de vida do jornalista, entender como o jornalista se define enquanto profissional e como define a profissão e compreender o que motiva o jornalista a ingressar e permanecer nessa profissão.

Estamos cientes que a passagem do capitalismo industrial para o financeiro afetou diversas profissões e não apenas a atividade do jornalista. No entanto, nesse trabalho abordamos exclusivamente essa atividade profissional, que é nosso foco de pesquisa.

Para pensar sobre os reflexos das mudanças estruturais do jornalismo da vida pessoal do jornalista é preciso definir o que são essas mudanças estruturais. Para Pereira e Adghirni (2011) os processos em mutação, quando abrangentes e profundos, que alteram de modo significativo as práticas profissionais e simbolicamente a maneira como seus atores sociais a definem e reconhecem, podem ser chamados de mudanças estruturais. Adghirni (2012) define como grandes pontos de mudanças da profissão as rotinas produtivas, o perfil e a identidade do

³Informação disponível em: <<https://www.jornalistas-rs.org.br/index.php/2013-11-21-15-35-42/futuros-profissionais-formacao-profissional/universidades-de-jornalismo.html>>. Acesso em 28 de maio de 2017.

profissional e a desregulamentação da profissão. É com base nesses conceitos que nosso primeiro capítulo está estruturado.

No segundo capítulo abordamos a precarização da profissão, já mencionada por diversos autores, que no nosso estudo evidenciamos por meio das ideias de Bertolini (2015), quando se refere as formas duradouras e emergentes de trabalho precário no jornalismo. Enfocamos também resultados de estudos como os de Reimberg (2015), Figaro (2013), Killesse e Machado (2009), Grisci e Rodrigues (2007) Ferracioli (2000) Heloani (2003) e Travancas (1993) que abordam também como as mudanças no processo produtivo jornalístico tem se refletido na vida pessoal desse trabalhador.

No terceiro capítulo descrevemos nossos caminhos metodológicos. Realizamos entrevistas com jornalistas atuantes na cidade de Santa Maria, como técnica de coleta de dados da pesquisa de campo. Utilizamos a técnica da “bola de neve” para chegarmos até esses profissionais com foco nos seus vínculos de trabalho. Nessa técnica, um jornalista indica os próximos jornalistas a serem entrevistados e esses indicam os próximos e assim sucessivamente. Assim, entrevistamos cinco profissionais. Para analisar essas entrevistas, utilizamos a análise temática de conteúdo.

A partir dessa análise, agrupamos os temas tratados nas entrevistas em quatro categorias: sentido do trabalho, organização do trabalho, vida pessoal e trabalho e, por fim, prazer e sofrimento no trabalho. O quarto capítulo consiste na análise do material coletado.

1. JORNALISMO: ESTRUTURAS EM MUTAÇÃO

A profissão de jornalista é, possivelmente, uma das profissões que mais alterações tiveram nas últimas décadas. Mudanças que ocorreram em função da influência econômica, política e principalmente tecnológica sobre o campo. Essas mudanças estruturais que ocorreram na profissão se tornam mais visíveis com a informatização das empresas jornalísticas. Adghirni (2012) relata que o processo de informatização dos jornais começou na década de 1960 nos setores administrativos e comerciais e somente 20 anos depois chegou às redações e foi visto com certa resistência por jornalistas mais velhos.

O processo de informatização das redações de jornais e revistas, em meados de 1980, também é apontado por Baldessar (2003). Essa informatização fez com que o cotidiano dos jornalistas fosse alterado, assim como seu espaço de trabalho. O barulho das máquinas de escrever deu lugar ao silêncio dos computadores. As redações tornam-se ambientes mais limpos, silenciosos e climatizados. Em contrapartida, o trabalho também se intensificou, além da exigência de maior qualificação e de especialização. O trabalho do jornalista pôde ser mais facilmente controlado e os jornais começaram a ter um *deadline* antecipado.

A introdução dos novos aparatos tecnológicos nas redações acontece em sintonia com os preceitos do capitalismo. Mais agilidade na produção em um menor tempo de execução de tarefas que tem como resultado mais rentabilidade e lucro para as empresas. Como Sodré afirma, “A história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (SODRÉ, 1999, p.1).

A inserção do computador no ambiente de trabalho jornalístico, segundo Baldessar (2003), é vista pelos profissionais primeiro como uma sensação de medo e por fim como uma alteração necessária e que não dá margem para outras alternativas. Ela salienta que apesar das mudanças nos espaços dos jornais, a função do jornalista enquanto trabalhador que precisa vender sua força de trabalho não se altera.

Apesar das mudanças físicas na redação e algumas alterações nos procedimentos cotidianos de coleta da informação, uso da Internet como fonte de dados e do computador como banco de informações, pode-se afirmar que a introdução dos computadores na redação não alterou a condição social do jornalista. A relação empresário de comunicação/jornalista, ou seja, capital/trabalho continua, sendo que nos últimos anos se verifica a precarização do trabalho. (BALDESSAR, 2003, p. 85)

Figaro (2014) também aborda as reformas nas redações no período em que estavam sendo informatizadas. O setor assume um alto nível de profissionalização, ocorrem reformas

gráficas, os sistemas de dados e os bancos de informação são interligados e em consequência a pesquisa e a apuração também adquirem outro ritmo.

Com a chegada da internet, as rotinas produtivas – os usos de tempo e espaço – ganham nova normatividade. O número de profissionais nas redações diminui. Afastam-se os quadros mais velhos e incentiva-se a entrada de jovens recém-saídos da universidade, pois, eles têm maior habilidade com a informática. (FIGARO, 2014, p. 32)

Esses processos em mutação, quando suficientemente radicais, abrangentes e profundos, que alteram de modo significativo as práticas profissionais e simbolicamente a maneira como seus atores sociais a definem e reconhecem, podem ser chamados de mudanças estruturais (PEREIRA e ADGHIRNI, 2011).

Três são os pontos de tensão evidenciados por Adghirni (2012) em que as transformações na atividade jornalística ocorreram e que, na visão dessa autora, podem ser interpretados como sinais de crise: Desregulamentação profissional, rotinas produtivas alteradas e perfil profissional reconfigurado, mudanças que estão altamente correlacionadas. Nosso trabalho está norteado, principalmente, por essas questões colocadas pela autora.

1.1 “JORNALISTA – DECISÃO STF”: UMA PROFISSÃO DESREGULAMENTADA

O diploma para se exercer a profissão de jornalista passou a ser obrigatório quando sancionado o decreto-lei 972/1969, na época da ditadura militar, para que o acesso a profissão pudesse ser controlado. Em junho de 2009, o requisito da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo deixou de ser exigido legalmente, a partir da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que tornou inconstitucional esse decreto-lei, que regulamentava a profissão.

Adghirni (2012) relata que se na França o jornalismo é apontado por especialistas em sociologia com uma atividade “em via de regulamentação”, no Brasil essa realidade é bem diferente, sendo uma profissão “em via de desregulamentação”. Para a autora, mesmo que a decisão tomada pelo STF seja recente, os signos da crise já apareciam como por exemplo na queda de inscrições nos vestibulares de jornalismo, cursos sendo fechados em instituições de ensino privadas, substituição de pessoas físicas por pessoas jurídicas nas empresas de comunicação e pulverização do perfil profissional.

Já Figaro (2014) enxerga parte desse fenômeno de maneira diferente. Para ela, mesmo que o diploma não seja mais exigido e as redações venham reduzindo a quantidade de profissionais, o número de cursos de jornalismo e de pretendentes as vagas ainda é grande. No

entanto, a não exigência do diploma e a aprovação de um currículo nacional para os cursos “parecem bons exemplos da esquizofrenia vivida no campo profissional e acadêmico.” (FIGARO, 2014, p. 29)

Mick e Lima (2013) destacam que mesmo com a desregulamentação da profissão, o mercado ainda dá prioridade aos formados. Com a supressão da exigência do diploma para atuar no mercado de trabalho “a parcela de jornalistas sem formação na categoria foi renovada, mas número considerável de empresas jornalísticas (e não jornalísticas que empregam profissionais da área) continua a priorizar a contratação de diplomados” (MICK; LIMA, 2013, p. 21). Segundo esses autores, o número de pessoas com diploma de jornalista nunca foi tão alto no país, nem tão distribuído geograficamente.

O fim da regulamentação da profissão faz surgir uma nova classificação nos registros de emprego da categoria: o “jornalista – decisão STF”. Renault (2012) expõe dados do Ministério do Trabalho de primeiro de julho de 2010 a 29 de junho de 2011, posterior ao fim da obrigatoriedade do diploma. Nesse período, as Delegacias Regionais do Trabalho, concederam o registro de “jornalista profissional” a 7.113 portadores de diploma de jornalismo no país. Para os não formados em cursos superior de jornalismo, foram concedidos 4.764 registros, incluídos na categoria “jornalista – decisão STF”. Renault salienta que apesar de não haver estudos conclusivos que indiquem as causas do aumento dos pedidos de registro de jornalistas sem diploma, é possível que esse fato seja resultado de pessoas que já trabalham no campo da Comunicação.

Aí se incluiriam pessoas que atuam como jornalistas ou produtores de rádio, televisão e vídeo, mas com registro de Radialista, querendo garantir outro registro que lhe abrirá as portas de funções estritamente jornalísticas no futuro, na hipótese de o diploma voltar a ser exigido para o exercício da profissão. Há indicações ainda de que pessoas que trabalham em veículos de menor porte, veículos comunitários em geral e portais da internet que não têm diploma de jornalista e nunca foram cobrados por isso para exercer suas atividades, buscam regularizar a situação, também tendo em vista um futuro mais seguro. (RENAULT, 2012, p. 110)

Esse autor aponta que o fim da exigência do diploma torna visível uma situação já existente, principalmente em cidades do interior do país: pessoas não formadas em jornalismo exercendo funções de jornalista profissional, uma espécie de “legalização” do que já ocorria.

Se, por um lado, a desregulamentação da profissão não fez com que houvesse queda significativa no número de ingressantes nos cursos nem desinteresse substancial de empresas pela contratação de profissionais diplomados, por outro lado, ela deixa de demarcar os limites de um campo de atuação. Isso porque antes da decisão do STF o campo do jornalismo era

“institucionalizado e legitimado através de enquadramentos jurídicos (legislação trabalhista sobre o exercício do jornalismo, diploma universitário, lutas sindicais) e de regras pragmáticas, frutos das convenções estabelecidas nas rotinas produtivas” (ADGHIRNI, 2012, p. 69).

Há uma diluição das fronteiras profissionais. O campo da comunicação, que compreende assessorias de comunicação de empresas públicas e privadas, vem abarcando cada vez mais o campo do jornalismo especificamente. Adghirni (2012) cita o trabalho do francês Erik Neveu sobre as transformações do jornalismo. Ela considera que para Neveu “a consciência possível de um jornalismo de mercado nada mais é do que a dissolução da profissão jornalística em um amplo amálgama de profissões na área de comunicação” (ADGHIRNI, 2012, p. 69).

É nas assessorias de imprensa que atualmente mais se vê jornalistas trabalhando. Elas configuram os ambientes “extra redação” (SANT’ANNA, online⁴), serviços de comunicação e assessorias de empresas de organizações públicas e privadas. Esse deslocamento das redações para as assessorias e mídias institucionais teria sido provocado pela crise econômica, a partir de 2000, que reduziu em 40% o volume de postos de trabalho na mídia impressa. Fora das redações o setor ampliou em 16%. (Adghirni, 2012, p. 71).

Sant’Anna lembra que a própria Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), junto com sindicatos, por entender que funções jornalísticas eram desenvolvidas nesses espaços, reivindicou que assessorias fossem ocupadas exclusivamente pelos jornalistas. “Num espaço profissional saturado, seria normal que os profissionais afetados procurassem terras virgens e expandissem o território de suas fronteiras ocupacionais”. (SANT’ANNA, *online*)

Ocorreu uma fragmentação do setor, com movimento de jornalistas indo para as assessorias de comunicação e também empresas jornalísticas treinando não jornalistas para atuar em seus quadros funcionais.

Com a desproporção entre profissionais disponíveis no mercado e postos de trabalho na imprensa tradicional - que vê seu modelo de negócios não gerar tanto lucro quanto no passado - as assessorias vem se consolidando enquanto espaço possível de trabalho desses profissionais. Sant’Anna coletou dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) relativos a 2007 e identificou que de 60.734 jornalistas, 65% trabalhavam em extra redação (SANT’ANNA, 2011, *apud* RENAULT, 2012, p. 107), uma porcentagem bastante expressiva. Ao analisar dados RAIS de 2002, Sant’Anna aponta que nesse período de crise econômica desfavorável tanto para

⁴ SANT’ANNA, Francisco. Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo. Biblioteca... Documento Eletrônico. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/santanna-francisco-midia-fontes.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

o país quanto para a imprensa, “os jornalistas que atuam no setor extra redação gozaram de uma estabilidade no emprego mais forte do que seus colegas de redação.” (SANT’ANNA, online⁵, p. 24)

O profissionais que trabalham nesse setor são chamados de “jornalistas das fontes”, que produzem para uma “mídia das fontes” (SANT’ANNA, online⁶). Sant’Anna cunhou o termo mídia das fontes para designar os meios de comunicação que são mantidos pelas próprias fontes, que falam diretamente à opinião pública, sem intermediação da mídia tradicional. Eles se utilizam de técnicas e valores comuns aos da imprensa porém empregam seus próprios critérios editoriais (SANT’ANNA, online⁷). A intenção dessas mídias das fontes é inserir seus temas e conceitos e obter visibilidade na agenda midiática.

Com as fronteiras menos rígidas do fazer jornalístico, introdução de tecnologias que aceleram a produção, influência política, social e econômica, dentre outros motivos, as condições/relações de trabalho se tornaram precarizadas, fazendo emergir rotinas produtivas cada vez mais desgastantes e sujeitos com um perfil profissional em mutação.

1.2 PERFIL E IDENTIDADE PROFISSIONAL

Outro ponto de tensão da profissão que Adghirni (2012) aponta são os novos perfis que surgem em decorrência das mudanças que afetam a identidade profissional dos jornalistas. Pereira e Adghirni compreendem que o jornalista profissional passa por uma fase de indefinição, “pressionado pelas novas tecnologias, pelo crescimento de setores de comunicação organizacional e de jornalismo de entretenimento, pela participação ativa do público e pela democratização das formas de acesso ao espaço público midiático” (PEREIRA e ADGHIRNI, 2011, p. 39).

Por uma série de processos - tanto no que diz respeito à informatização das redações e a exigência de habilidades informáticas, quanto a redução de custos e ainda uma oferta considerável de cursos superiores de jornalismo – os jornalistas que circulam pelas redações são cada vez mais jovens. A substituição de jornalistas mais experientes por jornalistas com pouco tempo de formação é frequente nesses locais. Mick e Lima expõem esse cenário enfatizando também as consequências no mercado de trabalho.

⁵ SANT’ANNA, Francisco. Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo. Biblioteca... Documento Eletrônico. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/santanna-francisco-midia-fontes.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

A juvenilização da categoria é resultado do crescimento acelerado na oferta de vagas e cursos superiores de jornalismo. Parcela expressiva dos estudantes se engaja desde cedo na vida profissional, como estagiários ou em funções de baixa remuneração, com ou sem carteira assinada: esta é a principal dinâmica de acesso ao mercado de trabalho... (MICK e LIMA, 2013, p. 33)

Os resultados desse incentivo à entrada de jovens no campo profissional podem ser observados, segundo diversos autores, a partir de profissionais que pouco desenvolveram sua capacidade crítica. Isso aparece também no discurso de jornalistas com mais tempo de redação que classificam as gerações mais jovens como “menos críticas”, “mais ingênuos”, que “não confrontam as informações”, a exemplo da jornalista entrevistada na pesquisa sobre “As mudanças no mundo do trabalho do Jornalista” (FIGARO, 2013).

Outro exemplo importante, da mesma pesquisa, é a fala de uma jornalista que diz que um médico tem muito mais habilidade para escrever uma matéria sobre medicina; que um político, por vezes, tem muito mais competência para escrever sobre política e que para ela, que não sabe muito sobre o tema, pouco mudaria. “Então, se você falar pra mim ‘você quer fazer uma matéria sobre política ou eu posso dar para o Maluf escrever?’, meu, passa para o Maluf.” (FIGARO, 2013, p.121). Nesse discurso, todo um jogo de interesses das fontes é ignorado, o conflito entre interesses da fonte e interesses da profissão é dissolvido e o jornalismo se vê diminuído a reprodução discursiva.

Para Figaro (2013) não foram apenas as mudanças tecnológicas que influíram nesse processo. O contexto político, histórico e econômico da geração da década de 1980/90 contribuiu para formação profissional dos jornalistas dessa geração, que, segundo defende a autora, fez com que esses sujeitos fossem mais críticos.

Com isso têm-se gerações diferentes que, por vezes, precisam conviver no mesmo espaço das redações dos jornais. Pereira e Adghirni são enfáticos quando apontam os reflexos dessa falta de criticidade para a profissão.

Cada empresa é livre para impregnar suas matrizes ideológicas nos jovens em formação. Mais jovens e inseguros quanto ao emprego, os jornalistas tendem a relativizar os padrões impostos pelos códigos deontológicos e o pensamento crítico – resultado da formação universitária – em nome dos valores do mercado. (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 48)

Esse profissional com pouca ou nenhuma experiência que chega nas redações apresenta uma capacidade de adaptação às normas da empresa e flexibilidade em relação as condições de trabalho que lhe são impostas.

Com o campo em constante mutação, algumas funções e cargos ainda se mantêm, como ressalta Renault (2012), como repórter, editor, secretário e chefe de redação, ao passo que outros tendem a desaparecer das redações, como o repórter auxiliar, de setor, redator auxiliar. E ainda:

Havia o pauteiro, responsável pelas indicações que seria apurado durante o dia, o tituleiro, especialista em fazer títulos em um tempo em que os jornais eram diagramados, pelo diagramador, com cálculos manuais para “fechar” os espaços de textos e fotos, e paginados (montados), pelo paginador, em páginas no formato que seria encaminhado à seção de fotolito, antes de ir para impressão, sem falar no revisor, responsável pela correção dos erros ortográficos e gramaticais. (RENAULT, 2012, p. 104)

As inovações possibilitadas pela tecnologia faz essa realidade de se ter um jornal diagramado manualmente, ou um tituleiro, por exemplo, parecer absolutamente distante no tempo, quando na verdade não se passaram nem trinta anos desde que os jornais começaram a ser informatizados.

Se há o desaparecimento de determinadas funções, há também, conforme Renault expõe, o aparecimento de novas formas de jornalismo, que possuem várias definições: “que vão desde jornalismo público, jornalismo social, cidadão ou cívico; o jornalismo interativo, participativo ou colaborativo; jornalismo de serviço; de fonte aberta, jornalismo *open source*; wikijornalismo, jornalismo 3.0, *web 2.0* e internet de nova geração” (RENAULT, 2012, p. 112). Com essas novas tipificações,

[...] vieram profissionais como “infografistas (produtores de gráficos animados), os *gatewatchers* (jornalistas que vigiam a concorrência) e os jornalistas-ponte (encarregados da interação entre os produtos impressos e os da web)” Além desses há ainda “especialistas em mídias sociais, cuja função é passar o dia entre *Twitter*, *Facebook* e outros, alimentando a rede com notícias curtas. (Jorge, 2011, p. 145 *apud* RENAULT, 2012, p. 112)

Essas mudanças nas rotinas e no perfil do jornalista são acompanhadas da exigência de habilidades ao profissional que se torna multi: multitarefas, multifunções, multimídias, multiplataformas e multiempregos. Mutações “provocadas por conjunturas sócio, econômicas e culturais (ADGHIRNI, 2012, p. 75) alteram também a forma como o jornalista percebe suas práticas, como se sente identificado profissionalmente. Para Aghirni, o lugar que o jornalismo e o jornalista ocuparam ao longo do século XX não existe mais.

Sem identidade profissional definida, pressionado pelo mercado em condições de trabalho cada vez mais precárias e responsabilidades sociais cada vez mais fortes, os jornalistas estão cansados. Eles jogaram fora o papel de heróis. Ninguém mais quer ser Super-Homem. Os jornalistas querem apenas ser profissionais respeitados em seus direitos no mercado de trabalho da informação. (ADGHIRNI, 2005, p. 47)

A fantasia que o jornalista prefere vestir agora é a que lhe dê condições de melhorar na carreira ou sobreviver profissionalmente “diante do desafio das “rotinas produtivas infernais” às quais está submetido dentro de um mercado desconfigurado pelas tecnologias e pela legislação trabalhista.” (ADGHIRNI, 2005, p. 56)

Bertolini (2015) salienta que as formas precárias de trabalho sempre foram uma realidade para a categoria - que ele classificou como formas duradouras de trabalho precário - mas que o problema se agravou na última década com as tecnologias digitais - classificadas como formas emergentes de trabalho precário, são mais recentes - que reordenaram o modelo de negócios das empresas e reconfiguraram o perfil do profissional.

Figaro aponta que a partir dos anos 1990, as relações de trabalho foram transformadas em função de uma reestruturação produtiva que ocorreu no mundo do trabalho. Nesse período, houve crescente desregulamentação dos contratos trabalhistas. Os empregos informais, os freelancers, os contratos como pessoa jurídica predominaram nas redações brasileiras.

Foi a partir dessa década que aumentou o número de jornalistas contratados sem registro em carteira profissional, abrindo caminho para o surgimento de novas formas de contratação, como a terceirização, contratos de trabalho por tempo determinado, contrato de pessoa jurídica (PJ), cooperados e *freelancers*, entre outros. São os jovens, não sindicalizados, que mantêm vínculos precários, trabalham entre oito e dez horas por dia e em ritmo acelerado. (FIGARO, 2013, p. 45)

O trabalho freelancer, segundo Bertolini (2015), que alinha a sua visão às proposições de Guy Standing, é considerado precário pois priva o trabalhador de suas garantias. Esse tipo de trabalho “é marcado pela falta de contrato formal entre empregado e empregador. Não garante direitos trabalhistas, indenização em caso de acidente, férias, 13º salário e outros benefícios.” (BERTOLINI, 2015, p. 242)

Sem uma rotina fixa e recebendo insatisfatoriamente, o jornalista se vê obrigado a, muitas vezes, trabalhar para diversos veículos ao mesmo tempo. Para Figaro, isso não é uma novidade na profissão. “O que há de diferente hoje é que as corporações de comunicação têm alto nível de profissionalização e a precarização dos vínculos contratuais fazem parte dessa estrutura, serve à lógica das novas plantas empresariais.” (CASTELLS, 2009; BERNARDO, 2009 apud FIGARO, 2013, p. 116).

A terceirização, “forma mais visível da *flexibilização* do trabalho” (DRUCK E BORGES, 2002, apud BERTOLINI, 2015, p. 245), permite tornar concretos os contratos flexíveis de trabalho. Com tamanha precarização dos vínculos contratuais, Figaro (2013)

observa um processo mais severo em curso, que vai além da terceirização: a quarteirização. “Para dar conta do excesso de trabalho, é preciso recontratar um colega, um outro profissional indicado para ajudar, dividir a encomenda no tempo contratado” (FIGARO, 2013, p. 116). A autora aponta que os jovens buscam os cursos de jornalismo com uma visão romantizada da profissão e ao ingressarem no mercado jornalístico são submetidos a condições de trabalho que compõem uma rotina bastante diferente daquela sonhada.

1.3 ROTINAS PRODUTIVAS

Além do cenário de desregulamentação, das mutações na identidade e no perfil profissional, as rotinas produtivas são o terceiro ponto de tensão das transformações da atividade, apontado por Adghirni (2012) que indicam sinais de crise na profissão. Figaro destaca que “As mudanças tecnológicas apropriadas no fazer jornalístico redesenharam as maneiras de se trabalhar” (FIGARO, 2013, p. 7)

Diferente do que ocorre nos jornais e revistas impressos, em que o conteúdo precisa ser produzido e estar pronto em tempo hábil para que sejam impressos e cheguem nas mãos do público no dia seguinte, na internet isso não ocorre pois as informações são publicadas na medida em que os fatos vão ocorrendo. Ou seja, a atenção ao tempo e a pressão sobre os profissionais para concluírem as matérias até o *deadline* sempre existiu, mas recentemente tem se intensificado.

A pressão do tempo sobre a produção das notícias é uma das marcas indeléveis do jornalismo ao longo de sua história, mas o desenvolvimento das tecnologias digitais acelerou este processo nos últimos 20 anos. A velocidade da mídia que altera as relações do homem com o tempo (Virilio 1993; Wolton 2004) pode ser considerada uma das mudanças estruturais mais fortes dessa travessia do jornalismo. (PEREIRA e ADGHIRNI, 2011, p. 45).

Adghirni (2012) salienta que para compreender essa adaptação rápida das empresas jornalísticas à internet é preciso voltar aos anos 1980, quando essas empresas substituem o termo notícia por informação. “O termo, usado de modo generalizado, traduz uma concepção e um modo de fazer jornalismo totalmente vinculado ao mercado e às necessidades dos clientes, do “usuário da informação”, conforme está sendo chamado aquele que era leitor da notícia.” (ADGHIRNI, 2012, p. 73).

A introdução da internet nas redações não foi o único fator que incidiu sobre o ritmo de produção e disponibilização das informações. Segundo Pereira e Adghirni (2011), esse processo tem antecedentes na aceleração do tempo social e ainda pelo fato de os jornais começarem a aderir ao formato de agência de notícias.

Alguns dos principais jornais do país contrataram, a partir do final da década de 1980, consultores da Universidade de Navarra, na Espanha, que introduziram a noção de “turbinas informativas”, jornalismo produzido como mercadoria de fábrica. “Os jornais seriam os “informadutos”, espécie de canais de informação que irrigam o tecido social assim como os gasodutos e oleodutos abastecem a cidade de energia” (ADGHIRNI, 2012, p. 73). Assim a empresa jornalística era uma usina de informação abastecendo diversos públicos a partir de diversos produtos.

O modelo de negócio implantado pelas empresas exigiam cada vez mais produção desses profissionais, demandas de trabalho maiores sem que isso implicasse em maiores salários. RENAULT (2013) menciona que os jornais começam a exigir dos jornalistas colaboração para os sites no começo de 1990, para que passassem flashes de notícias. No começo houve resistência de profissionais e de um movimento sindical, que alegavam que o jornalista não ganharia mais por essa produção. Mas a realidade do mercado – de muitos profissionais e poucas vagas – fez com essa resistência caísse por terra.

As empresas simplesmente fizeram aditamentos de contratos com os funcionários antigos, que passaram a ceder os direitos autorais dos seus trabalhos jornalísticos para as empresas usarem com fins diversos. Quem não quis aceitar os novos tempos foi embora e há alguns anos não se discute mais o assunto. Já na conversa inicial, o futuro profissional sabe que terá de fazer tudo que lhe pedem para o jornal, site e outros serviços especializados. E a nova configuração das redações mudou radicalmente a rotina produtiva dos jornalistas, se comparada com a vigente há não mais que duas décadas. (RENAULT, 2013, p. 39)

Essas práticas reforçam o que Adghirni e Pereira já explanaram sobre a imposição da ideologia das empresas sobre os profissionais com pouca experiência, que menos resistem a essas imposições dada a realidade da profissão.

Quando as empresas começaram a investir no jornalismo na internet, os jornais criaram suas equipes do *online* separadas do impresso. O processo começou a se inverter a partir de 2008, quando as redações tradicionais passaram a ser fundidas com as redações *online* (ADGHIRNI, 2012).

Para Aghirni (2012) esse discurso de convergência tecnológica é o que impera nas empresas. Ela enfatiza que “a convergência de conteúdos em texto, áudio e vídeo rumo a plataformas digitais desconfigura o modo tradicional de produzir e impõe uma carga de trabalho ininterrupta aos jornalistas.” (ADGHIRNI, 2012, p. 74)

A cultura tradicional das redações dá lugar à cultura da convergência. O jornalista vê sua rotina produtiva alterada, com acúmulo de funções, multifuncionais. Na sua pesquisa,

Renault (2013) entrevistou dirigentes, coordenadores e jornalistas de quatro sucursais em Brasília, dos principais jornais impressos do país. O objetivo foi perceber como as mudanças no jornalismo afetaram as rotinas produtivas dessas redações.

No caso analisado das redações em Brasília, um mesmo profissional se encarrega de apurar, redigir e transmitir em plataformas diversas as informações para manter os sites atualizados, no menor espaço de tempo possível entre o acontecimento e sua disponibilização, além de oferecer em seguida complementos. E ao final da jornada diária, o jornalista ainda precisa assegurar a sua contribuição para o impresso que circula no dia seguinte.” (RENAULT, 2013, p. 32)

Além de ter que se desdobrar em diversas funções, o jornalista ainda precisa lidar com outro fator de pressão em seu trabalho: a concorrência. Mas em tempo de tecnologias digitais a concorrência vira uma “hiperconcorrência”, termo cunhado por Jean Charron e Jean de Bonville e citado por Adghirni (2012) quando trata das mudanças estruturais do jornalismo.

Os novos dispositivos técnicos permitem que os jornalistas conheçam em tempo real a reação do público e a maneira como as mídias concorrentes cobrem o mesmo fato. Trata-se de uma situação de interatividade e de reflexividade inédita na história que obriga os produtores de conteúdo a ajustarem rapidamente sua produção para os leitores e para os concorrentes. (ADGHIRNI, 2012, p. 66)

Nessa concorrência, o produtor de conteúdos precisa cada vez mais captar a atenção de seu público que além de ser volátil, também “dispõe de meios técnicos e culturais para exercer suas escolhas de maneira livre e espontânea” (ADGHIRNI, 2012, p. 67).

Na concepção de Pereira e Adghirni (2011), parece estar em curso um processo de negociação entre atores sociais – jornalistas, fontes, empresários, públicos, anunciantes – que tateiam em torno de um modelo mais adequado de produção do noticiário. Segundo esses autores, essa dinâmica está em aberto e só será possível se referir a um novo jornalismo, ou em novas formas de praticá-lo, quando esse processo de negociação tiver como resultado acordos e normas mais estáveis.

Vistas as mudanças estruturais por que passa a profissão de jornalista, abordaremos, no próximo capítulo, pesquisas que apontam como a profissão tem se tornado cada vez mais central para os jornalistas e as consequências dessa centralidade na vida pessoal desses profissionais.

2. A CENTRALIDADE DO JORNALISMO NA VIDA DOS JORNALISTAS

Os jornalistas sempre conviveram com relações precárias de trabalho, na visão de Bertolini (2015), mas nos últimos anos o problema se agravou devido a introdução das tecnologias digitais na profissão. Para esse autor, o trabalho precário deu lugar a uma nova classificação de trabalhador, uma nova tipologia. “O precariado é uma nova classe de trabalhadores (STANDING, 2014). Assim como a sociedade industrial produziu o assalariado, o trabalho precário fez surgir o precariado.” (BERTOLINI, 2015, p. 244).

Ao realizar levantamento bibliográfico, observação direta e considerar sua própria experiência profissional no jornalismo, Bertolini (2015) elenca oito formas duradouras e oito formas emergentes de trabalho precário entre os jornalistas. As formas duradouras, conforme o autor, surgiram no ambiente analógico e se tornaram uma espécie de marca da profissão pelo fato de estarem presentes no trabalho jornalístico há bastante tempo. São elas: instabilidade no emprego e na profissão, vulnerabilidade do setor, pressão política e comercial, risco de processo, renda baixa, risco de vida, descontrole da vida pessoal e controle sobre a produção.

Já as formas emergentes são “aquelas que nasceram ou se consolidaram nos últimos 10 anos, a partir do ambiente digital” (BERTOLINI, 2015): jornadas estendidas, falta de controle da jornada de trabalho, contratação por pessoa jurídica, contratos temporários, contratos multimídia, contratos empobrecidos de direitos legais, trabalho sob pressão e trabalho remoto.

Nessa última forma emergente de trabalho precário, em que o profissional pode trabalhar de casa, sem os empecilhos de ter que lidar com trânsito ou usar vestimentas formais, por exemplo, o autor alerta que apesar da aparente liberdade, reside aí um controle ainda maior sobre o profissional pelo fato de ele poder ser acessado fora do horário normal de expediente por meio de e-mail ou celular.

Para Bertolini a reconfiguração do modelo de negócios das empresas jornalísticas e as mudanças do perfil profissional resultaram em “profissionais com excesso de trabalho, isolados do convívio familiar, inseguros no emprego, desrespeitados em direitos trabalhistas e enfraquecidos como categoria.” (BERTOLINI, 2015, p. 243) Isso tudo somado aos problemas antigos do jornalismo, que o autor define como “trabalho sob pressão, pressão política e comercial e risco de morte.” (BERTOLINI, 2015, p. 243)

As mudanças no jornalismo também são percebidas pelos profissionais que integraram a pesquisa coordenada por Roseli Figaro, “O perfil dos jornalistas profissionais no Estado de São Paulo e o ponto de vista desse profissional sobre o seu trabalho” realizada entre 2009-2012 e publicada em “As mudanças no mundo do trabalho do jornalista” (FIGARO, NONATO,

GROHMANN, 2013). Para a maior parte dos jornalistas que responderam o questionário, as mudanças na profissão – que a maioria apontou como tendo caráter tecnológico e no processo e organização do trabalho – resultaram em um aumento do ritmo de trabalho e aumento da produtividade.

Ao todo foram validadas respostas de 538 jornalistas, em um universo de 3278 respondentes. Os respondentes são classificados em quatro grupos: jornalistas captados por rede social (classificados como grupo A), jornalistas associados ao Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo (grupo B), jornalistas de uma empresa editorial (grupo C) e jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo (grupo D). Os questionários foram aplicados em diferentes momentos para esses grupos, entre 2007 e 2010, e teve quatro versões.

A pesquisa apontou que jornalistas do grupo que foi contatado via rede social e jornalistas do grupo de *freelancers* são mais jovens, a maioria abaixo dos trinta anos. Já os jornalistas vinculados ao sindicato e à empresa editorial apresentaram faixa acima de 35/40 anos. O que, segundo os autores, confirma os dados de que profissionais que possuem vínculos empregatícios mais estáveis estão há mais tempo na profissão.

Outro dado importante diz respeito a formação. O grupo das redes sociais e *freelancers* tem formação mais recente, no máximo há dez anos. Especificamente os contatados via rede social (que trabalham como *freelancers*, contratados, pessoa jurídica) se formaram no máximo, há cinco anos. Já o grupo dos associados ao sindicato se formou há mais de dez anos.

Essa pesquisa apontou para mudanças no perfil profissional do jornalista, uma média geral de um sujeito hipotético, como a própria autora classifica. “São jovens, brancos, de classes médias, mulheres, a maioria sem filhos, multiplataformas, com vínculo de emprego precário, com curso superior completo e com especialização em nível de pós-graduação.” (FIGARO, 2013, p. 46). Foi constatado ainda que a maioria dos pesquisados “se formou de um a até 15 anos, ou seja, entrou na profissão quando as reformas trazidas pelo computador e a Internet estavam se efetivando.” (FIGARO, 2013, p. 46)

Faz-se necessário notar que quando perguntados sobre a relação da vida pessoal com a profissional, se não conseguem fazer planos ou conseguem e em que tempo (longo, médio e curto prazo), os jornalistas do grupo captados por redes sociais afirmaram conseguir fazer planos para curto prazo. Os jornalistas sindicalizados e os que trabalham em uma empresa editorial responderam que conseguem se planejar a médio prazo. Chama atenção os resultados obtidos do grupo que trabalha por conta própria: “Em contrapartida, os *freelancers* (grupo D) não têm conseguido se planejar, por causa da ‘demanda flexível’ (FIGARO, 2013, p. 36). Esse dado é de suma importância quando pensadas as consequências da reconfiguração do campo

jornalístico na vida pessoal dos jornalistas principalmente porque esse tipo de vínculo trabalhista tem se tornado cada vez mais frequente nas redações brasileiras.

2.1 QUANDO VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL SE FUNDEM

Para Traquina (2005), os jornalistas constituem uma tribo profissional que “têm uma maneira própria de sentir o tempo, obsessiva e frenética.” E essa maneira de lidar com o tempo seria, na visão desse autor, seu elemento mais distintivo. Tamanha é a identificação do profissional com a atividade que desempenha que Traquina (2005) classifica os jornalistas como crentes que cultuam a profissão.

Para esta comunidade de crentes, um objeto de culto é a própria profissão que exige dedicação total porque o jornalismo não é uma simples ocupação, um passatempo; é mais que um trabalho porque é uma vida. O jornalista casa-se com a profissão; o jornalismo exige dedicação total; o jornalista trabalha 24 horas por dia. Ainda mais, o jornalismo exerce-se sempre em clima de urgência; o jornalista não tem tempo: não pode jantar em paz; não tem tempo para luas-de-mel; tem sempre de deixar um número de contato.” (TRAQUINA, 2005, p. 53)

Travancas (1993) buscou compreender a vida diária de um jornalista no Rio de Janeiro, que visões de mundo e estilos de vida ela implicava. Realizou entrevistas com mais de 50 profissionais por cerca de dois anos e acompanhou alguns repórteres na sua jornada de trabalho. Sua pesquisa aponta a profissão de jornalista como sendo fundamental na vida dos entrevistados, tanto para os mais velhos como para os mais jovens, um elemento central que define a identidade “o ser jornalista é a função prioritária em suas vidas.” (1993, p. 101)

As funções existentes em uma redação genérica, segundo Travancas (1993), são: repórteres, redatores, fotógrafo, diagramador, subeditor, editor, chefe de reportagem, pauteiro, radioescuta, editor-chefe, editorialista. Essa seria, como a autora classifica, a “espinha dorsal de uma redação”. A época em que a pesquisa foi realizada é um momento que os computadores ainda eram novidade nas redações e os jornalistas que trabalhavam nesses espaços ainda estariam por conhecer as mudanças que as tecnologias digitais provocariam.

Ela aponta que a profissão já pressupõe a entrega do tempo pessoal em que o jornalista esteja disponível à redação o tempo todo. “Há uma cobrança implícita, se não explícita, de que ser jornalista significa ser jornalista 24 horas por dia e não só quando se está no jornal fazendo matéria de rua.” (TRAVANCAS, 1993, p. 28). Ela pontua que o profissional não é dono do seu próprio tempo pois esse pertence à carreira.

Para essa categoria profissional a relação com o tempo vai determinar um *estilo de vida* próprio. Os jornalistas parecem viver dentro de “um outro tempo”, como se seu relógio funcionasse bem mais rápido e em outro ritmo. Não é o tempo do dia e da

noite, dos dias de trabalho ou dos fins de semana, mas sim o tempo do trabalho e o tempo do não-trabalho. (TRAVANCAS, 1993, p. 34)

Na trajetória do jornalista, a profissão ocupa grande importância e espaço, é um elemento fundamental. Travancas (1993) conclui que mesmo que houvesse decepção com o trabalho ou que alguns já tivessem pensado em trocar de área, a maioria dos entrevistados achava difícil sair do jornalismo por acreditarem ter um vínculo afetivo com a profissão.

Nos jornalistas do século XXI pode-se encontrar essa mesma constatação feita por Travancas (1993), conforme Figaro (2014). Com base nos resultados da pesquisa que coordenou (que citamos no início deste capítulo) ela observa que:

O sonho do jornalismo, aparece nas falas dos profissionais, desde cedo idealizado, mas, a depender das relações de trabalho, esse elo dourado com o jornalismo idealizado vai se desfazendo. Vão aparecendo os dilemas do cotidiano, criados pela situação precária de emprego e salário, por ritmo acelerado de trabalho sem as condições necessárias para desenvolvê-lo, além das frustrações desencadeadas pelos embates das relações de poder nas empresas e/ou clientes aos quais prestam serviços.” (FIGARO, 2014, p. 30-31)

Adghirni (2012) enxerga que os jornalistas estão submetidos a uma carga ininterrupta de trabalho que foi imposta pela convergência e que desconfigurou os modos de se produzir. Na visão dela, as empresas vendem essa situação com orgulho, “levando o jornalista a assumir o *slogan* de ‘jornalista 24 horas’” e que temendo o desemprego “a maioria assume esse discurso e mantém distância das reivindicações sindicais, mesmo para a demanda de ‘múltiplos salários’ para jornalista multimídia.” (ADGHIRNI, 2012, p. 75).

Mas “Vale a pena ser jornalista?” Para Clóvis Rossi, autor do livro com o mesmo título da pergunta, quem opta pelo jornalismo está optando também, pelo caminho mais rápido para se chegar ao cemitério. Segundo Rossi (1986), pesquisas realizadas em países desenvolvidos apontam que “é o jornalista o profissional liberal que morre mais cedo, em média. O acúmulo de tensões é diretamente responsável por essa dura característica da profissão. Disso, não se escapa, se se quiser ser rigorosamente honesto.” (ROSSI, 1986, p. 17). Ele ilustra essa afirmação com o exemplo de quando trabalhou na cobertura do estado crítico de saúde de Tancredo Neves:

Durante o período de internação do presidente Tancredo Neves no Instituto do Coração, em São Paulo (de 26 de março a 21 de abril de 1985, dia e que morreu), trabalhei ininterruptamente (32 dias consecutivos, portanto), sem fim de semana, sem feriado e sem horário fixo. Às vezes, ficava trabalhando desde a manhã até a noite, às vezes só de tarde e de noite, às vezes de manhã e de noite. Na prática, o horário de trabalho era integral, excetuadas apenas as horas de sono (e não muitas). Porque, quando não estava formalmente trabalhando, estava com o rádio permanentemente ligado para ouvir os boletins e as demais informações sobre a saúde do presidente.” (ROSSI, 1986, p. 17)

A história é finalizada apontando que os jornalistas que aceitavam somente a versão oficial dos fatos não precisariam trabalhar por muito mais horas a fio. No entanto, ele e outros jornalistas que não “compravam” apenas a versão do porta-voz da Presidência da República trabalhavam paralelamente, “caçávamos o tempo todo”, como o próprio Rossi afirma, por outras fontes que pudessem expandir as informações. “Foi esse trabalho paralelo, mas indispensável, que permitiu à *Folha de S. Paulo* revelar que, na primeira operação, em Brasília, fora extraído um tumor benigno do presidente”. (ROSSI, 1986, p. 19).

A “condecoração” aparece na forma do sentimento de serviço devidamente prestado mesmo que isso significasse também trabalhar ininterruptamente por mais de um mês. Para Rossi (1986, p. 19) não se sentir satisfeito com as versões oficiais “é o catecismo básico do jornalista.”

O livro integra o “Projeto Passo à Frente: Coleção profissões” que na descrição se tem que um dos objetivos do projeto é orientar o jovem “na construção segura do seu caminho”. Rossi afirma que o que expôs nas páginas do livro pode levar a pessoa interessada na profissão a concluir que o jornalismo não vale a pena pois “morre-se mais cedo do que outras categorias, ganha-se pouco, trabalha-se muito e o número de barreiras colocadas para a realização pessoal e profissional é elevadíssimo” (1986, p. 52) mas ele afirma que tentou apenas ser o mais realista possível.

Como balanço final, depois de expor problemas relativos à profissão, Rossi conclui que se ao menos um leitor “se indignou ou se emocionou, sorriu ou chorou, ao ler um texto meu, me pagou, até sem o saber, o suficiente para cobrir o meu salário, o meu stress e as minhas frustrações. Piegas? Pode ser, realmente. Mas só assim vale a pena.” (ROSSI, 1986, p. 53).

Márcio César Ferraciolli, em sua pesquisa de mestrado defendida no ano 2000, diz ter encontrado poucos estudos que relacionassem as condições de trabalho do jornalista com sua saúde. E que as pesquisas que entrou sobre o tema se limitavam a falar sobre os problemas cotidianos da profissão sempre discutidos por especialistas e não pelos profissionais que atuam e vivenciam as questões da própria área, os jornalistas.

Para compor a pesquisa, foram realizadas 19 entrevistas entre agosto de 1997 e fevereiro de 1998. Ferraciolli (2000) analisa os problemas que podem ser entendidos como fontes de sofrimento no cotidiano do trabalho dos jornalistas. O sofrimento é relacionado a forma de organização do trabalho, nos sentimentos expressos e nas contradições discursivas. O pesquisador chegou até esses jornalistas através do Sindicato dos Jornalistas do Paraná que indicou pessoas que passaram por situações de agravamento da saúde ou estavam vivenciando

algum problema que, na visão dos dirigentes, poderia estar interferindo ou vir a interferir na saúde desses trabalhadores.

Todas as pessoas entrevistadas por Ferraciolli (2000) relataram buscar a informação a todo instante independente se na hora das refeições ou nas saídas de finais de turno. O tempo, para esses trabalhadores “toma uma dimensão fundamental, seja pela sua escassez na vida pessoal, pela integralidade da dedicação à busca de informações ou pelo tempo necessário e limitado para colocar a informação no ‘ar’ ou nas bancas de revistas e jornais.” (FERRACIOLLI, 2000, p. 59).

Nos relatos também aparecem que para a maioria dos entrevistados falta tempo livre para si e para a família. Ele assinala que não há momentos em que o trabalho não esteja presente dado a intensidade das atividades que os profissionais desenvolvem. Assim, o trabalho se torna central e as demais esferas da vida social se tornam secundárias.

A família, o lazer, os relacionamentos sociais e a própria alimentação seguem à margem da produtividade, o que é confirmado pelas ideias de Hassard (1993) que, em suas pesquisas sobre o tempo na história, nos mostra como, no sistema capitalista, o tempo da produção ocupa o primeiro lugar na vida dos trabalhadores e os outros tempos restantes só são possíveis existirem se conseguirem lugar às margens do processo produtivo. (FERRACIOLLI, 2000, p. 75)

As exigências empresariais sobre esse trabalhador são altas e, segundo Ferraciolli (2000), quando o jornalista não consegue atender a essas exigências ele se sente culpado e culpabilizado pela empresa e pelos colegas. Por causa desse sentimento de culpa, o profissional começa a trabalhar mais, tornando maior sua carga de trabalho diária.

Outro ponto importante levantado foi o salário. Por não receberem na data prevista, esses trabalhadores relataram não conseguir se planejar e nem fazer compras a prazo. Assim, muitos dos problemas de saúde acontecem frequentemente próximo da época do pagamento. “Em algumas empresas, à época do pagamento, o sofrimento é percebido diretamente nas doenças que só aparecem nesse período: gripes, dores de cabeça, problemas digestivos, nervosismo entre colegas.” (FERRACIOLLI, 2000, p. 88). A naturalização do envolvimento com a profissão é mais um dos elementos geradores de sofrimento. Dessa forma, o sofrimento encontra justificativa.

Para alguns, o envolvimento com a profissão é relatado como natural, já nasceram para trabalhar como jornalistas. O jornalismo é algo que está dentro deles de forma inata. O fato de serem naturalmente jornalistas gera sofrimento. Têm que lutar constantemente para manter seu potencial, pois, existe um comprometimento intrínseco com a profissão que, quando não mantido, faz com que o sofrimento

apareça na forma de insuficiência com as atividades que realiza. (FERRACIOLLI, 2000, p. 99)

Dos relatos, depreende-se também a ideia, conforme Ferraciolli (2000), de que o bom jornalista é aquele que é mal resolvido nos relacionamentos afetivos, que os melhores profissionais são os emocionalmente piores.

Os relacionamentos afetivos também aparecem na pesquisa de Heloani (2003)⁸. Ele constatou que dos 44 jornalistas pesquisados, todos apresentavam stress – alguns em nível elevado (24 deles), e desses, alguns em nível de exaustão (6) – e 30 se sentiam “fracassados afetivamente”⁹.

Participaram da pesquisa de Heloani (2003), “Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista”, 44 sujeitos, sendo 24 homens e 20 mulheres, da cidade de São Paulo, com idades entre 20 e 60 anos. Os jornalistas preencheram um questionário com questões pessoais, profissionais e da vida familiar. Após a aplicação dos questionários, a pesquisa teve entrevistas semiestruturadas com profissionais da mídia impressa, rádio e TV, e ainda discussões grupais que enfatizavam os aspectos psicológicos envolvidos no trabalho. Foram entrevistados em profundidade 22 jornalistas (a maioria está na faixa de 20 a 39 anos) e nos outros 22 foi avaliado o nível de estresse.

Ele aponta ainda que com relação aos respondentes das entrevistas em profundidade, assim como na pesquisa de Ferraciolli (2000) “todos os sujeitos sem exceção reclamam da falta de tempo para seus familiares, sendo que a maioria se queixa da dificuldade de constituir uma família” (HELOANI, 2003, p. 35).

As práticas organizacionais trouxeram, como efeito colateral danoso, não apenas a corrosão de certos valores básicos, mas, principalmente, a cisão da idéia de qualidade de vida e excelência no trabalho. Assim, a felicidade é sempre postergada, e, em decorrência disso, também o tempo para família, para os filhos, para o lazer e para o amor. Alguns chegam a alegar que fora do ambiente de trabalho só fazem o imprescindível, faltando tempo para namorar. (HELOANI, 2003, p. 79)

⁸ José Roberto Montes Heloani é professor e pesquisador da Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ele relaciona elementos do Jornalismo com sua área de formação, a psicologia. Realizou projeto de pós-doutorado com o tema: “Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista”, pela ECA/USP, concluído em 2003. O trabalho tem foco nas problemáticas de ordem psicológica desse profissional. Informações do currículo lattes do autor. Disponível em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4784793A2>> Acesso em: 31/05/2017.

⁹ Uma das metodologias utilizadas pelo autor foi o Inventário de Qualidade de Vida, IQV, constituído por quatro “quadrantes de vida” que enfocam aspectos da vida social, afetiva, profissional e referente à saúde. Os entrevistados responderam as 45 perguntas fechadas (respostidas com sim ou não) do inventário de acordo com o estado em que se encontravam no momento. Também foram utilizados os instrumentos: Inventário de Sintomas de Stress para Adultos e Escala de Reajustamento Social.

Para esse autor, houve uma deterioração a qualidade de vida no trabalho desses profissionais, de forma que se tornou banalizada e naturalizada. (HELOANI, 2003, p. 77). Os relatos obtidos através das entrevistas demonstram como o trabalho se torna central na vida desses profissionais.

‘Eu não vivo para trabalhar, eu trabalho para viver... Eu trabalho na minha casa, eu trabalho junto com a minha esposa. Então, não tem como separar a minha vida pessoal da minha vida profissional (...) É difícil dissociar uma coisa da outra ... A vida pessoal e a profissional estão completamente interligadas.’ (Depoimento do ‘sujeito 20’) (HELOANI, 2003, p. 53).

‘Eu amo o que eu faço e nunca mais eu largo ela (profissão) (...) Eu não consigo ver a S. sem ser a S. jornalista e eu não consigo ver a jornalista sem ser a S. pessoa (...) Para ser jornalista tem que ter o dom, tem que gostar, gostar muito do que se está fazendo’ (Depoimento do Sujeito 1) (HELOANI, 2003, p. 56).

‘Eu gosto de Redação, apesar de sofrer. Eu acho que é que nem cachaça. Você vicia (...) O nível de adrenalina é muito forte, assim, e você vicia. Fica escravo dessa coisa.’ (Depoimento do Sujeito 6) (HELOANI, 2003, p. 56).

Heloani (2003) questiona o porquê de os jornalistas reconhecerem esses problemas da profissão e ainda assim não desistirem, continuarem insistindo nesse trabalho e submetidos a tais condições. Ele constata que a resposta é que os jornalistas amam o que fazem e assim “fetichizam sua profissão.” (HELOANI, 2003, p. 80).

Os jornalistas atualmente vivem tão estressados, em um grau tão alto, que beira a exaustão, conforme Heloani. Em entrevista¹⁰ ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, em abril de 2013, Heloani pontua que os profissionais já apresentavam estresse à época da primeira fase da pesquisa, em 2003, mas não em grau tão elevado quanto agora. Segundo ele, “é um estresse que fugiu do controle, está crônico”. Ele comenta ainda que o discurso da década de 70 de que a informática e a automação traria liberdade aos trabalhadores para que tivessem mais tempo para o lazer e para a família se mostrou totalmente falido.

Killesse e Machado (2009) traçaram relações entre as condições de trabalho do jornalista e o seu estado de saúde. Foram entrevistados 44 profissionais de uma empresa pertencente a um dos maiores grupos jornalísticos do país, localizada em Minas Gerais, denominada como Alfa. Os profissionais que responderam à pesquisa deveriam assinalar seu estado de saúde – se sentiam dor de cabeça, dor de estômago, gastrite dor na coluna, dores musculares, alergias, depressão, ansiedade, irritabilidade, por exemplo, e em que frequência (frequentemente,

¹⁰A entrevista completa está disponível através do link: <http://www.jornalistasp.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4197&Itemid>. Acesso em 29 de junho de 2017.

raramente ou nunca). Para cada frequência era atribuída um tipo de pontuação: frequentemente igual a 1 ponto, raramente igual a dois pontos e nunca igual a três pontos. Assim, quanto menor a pontuação menor o estado de saúde e quanto maior a pontuação melhor o estado de saúde.

Com relação as características do trabalho, os jornalistas que levam trabalho para casa frequentemente são 23%, sendo que 45% responderam que o fazem raramente e 32% marcaram que nunca tem essa prática. Metade dos profissionais respondeu que raramente acordam descansados, 2% nunca acordam descansados e 48% disseram que isso ocorre frequentemente. Quando perguntados sobre a satisfação em relação ao trabalho, 4,5% dos entrevistados se disseram muito satisfeitos, 20,5% satisfeitos. Se consideraram insatisfeitos 9,1% e mais da metade apontou que a vida profissional poderia ser melhor, 65,9% dos respondentes.

Quando relacionam os dados do estado geral de saúde com as condições de trabalho apontadas pelos jornalistas, Killesse e Machado (2009) tem como resultado que pior é o estado de saúde do entrevistado quanto mais o trabalho é percebido como pesado, quanto mais o trabalho é percebido como estressante, ou acham que o horário de trabalho é rígido. Da mesma forma, quanto mais trabalham nos finais de semana, pior seu estado geral de saúde. Em contrapartida, quanto mais consideram as condições de trabalho boas, melhor é o estado geral de saúde.

Para a realização da pesquisa de doutorado “O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho”, Cristiane Reimberg (2015) realizou 21 entrevistas semiestruturadas, entre dezembro de 2013 a agosto de 2014, com jornalistas de diferentes meios de comunicação, variadas experiências profissionais e idades, de 25 a 82 anos. Entre os entrevistados estavam Alberto Dines, Leonardo Sakamoto, Ricardo Kotscho, Clóvis Rossi e Audálio Dantas. O trabalho discute o sofrimento e prazer no jornalismo a partir da perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho e de relatos de jornalistas.

Quando Reimberg (2015) pergunta para os entrevistados se eles acham que o trabalho afeta de alguma forma sua vida pessoal os relatos são bastante interessantes. Há desde os que acham que o trabalho afetou sua vida pessoal e que os mais novos de profissão tem uma preocupação maior em não deixar que o trabalho afete tanto a vida até aqueles que dizem não querer ter uma vida dissociada do trabalho, que desejam que ele seja integralmente a vida pessoal.

‘Sacrifiquei mulher, filhos, sem dúvida nenhuma.’ Para ele [entrevistado Clóvis Rossi], as novas gerações parecem ter uma noção mais realista de como trabalhar e conseguem dividir seu tempo de forma a atender tanto a família e a vida pessoal

quanto à vida profissional. [...] Ele avalia que eles vestiam a camisa e se matavam de trabalhar. (REIMBERG, 2015, p. 324)

‘Meu trabalho é também a minha vida pessoal. Eu sou o que o meu trabalho quer. Minha casa é tudo fruto de uma coisa só.’ Depoimento da jornalista Paula Puliti à Reimberg. (REIMBERG, 2015, p. 325)

‘Eu já fiquei 24 horas sem tomar água, sem comer e sem ir ao banheiro, de tanto prazer que eu sentia nesse começo de carreira na Bandeirantes. Depois, eu pensei acho que vou comer alguma coisa. Mas não tinha nem fome, era uma loucura isso. Eu lembro desse comprometimento, desse envolvimento. Tem que ter paixão, quando beira a loucura, é paixão mesmo’. Jornalista Marilu Cabañas em entrevista a Reimberg. (REIMBERG, 2015, p. 326)

‘Essa história de dividir trabalho, trabalho não pode afetar a vida é uma balela, acho até bonito falar isso, mas quando meu trabalho não está bom, minha vida pessoal fica ruim, e quando a minha vida pessoal fica boa, também meu trabalho tende a ser melhor. Não dá pra separar.’ Maria (nome fictício) em entrevista a Reimberg (REIMBERG, 2015, p. 328)

‘Meu trabalho é minha vida pessoal. Eu não quero ter vida e trabalho. Eu quero ter uma vida onde o trabalho é parte integral dela. Lá [época em que trabalhava na revista Trip] misturava muito a minha vida pessoal com o trabalho, se tornava minha turma, minhas namoradas, minhas festas.’ Bruno Torturra em entrevista a Reimberg (REIMBERG, 2015, p. 328)

‘Antes eu não via problema nisso. Em trabalhar muito ou não ter tempo para fazer outras coisas... Primeiro emprego é assim mesmo até se acostumar. [...] Eu até comecei a fazer análise de uns tempos pra cá porque eu sentia essa necessidade de entender melhor esses processos, que alguns são pessoais mas outros estão muito relacionados ao trabalho. Vira e mexe eu não consigo falar da minha vida pessoal. Eu não consigo nem chegar à minha vida pessoal. O trabalho toma conta de tudo assim.’ Vivian Fernandes em entrevista a Reimberg (REIMBERG, 2015, p. 330)

É importante perceber nesta pesquisa que os jornalistas com mais de 60 anos concluíam que a vida pessoal foi bastante afetada pela profissão e que pensavam que os mais jovens conseguiam cuidar mais da vida pessoal. No entanto, os jornalistas com menos de 45 anos relataram que o trabalho afeta bastante a vida pessoal e que lhes falta tempo para o lazer e para a família. A partir das respostas desses entrevistados, Reimberg (2015) avalia que “os jornalistas com menos de 45 anos se reconhecem como trabalhadores e questionam a organização de forma mais enfática do que os com mais de 45 anos, provavelmente por vivenciarem ou terem vivenciado mais a precarização do trabalho.” (REIMBERG, 2015, p. 351).

O jornal em que Grisci e Rodrigues (2007) realizaram a pesquisa é considerado o maior do sul do país com 200 jornalistas, à época do estudo. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas com seis jornalistas – dentro da própria redação, durante o intervalo de trabalho dos profissionais, já que a jornada de trabalho se tornou um impeditivo para que as entrevistas fossem feitas fora do ambiente profissional – e observação não

participante. Eles discutem a questão do trabalho imaterial e sofrimento psíquico levando em consideração as rotinas produtivas de um jornal do Rio Grande do Sul.

Os participantes indicaram pontos conflituosos entre vida e trabalho como “sensações de desconforto – físico e psíquico –, taquicardia, decepção com a profissão, reivindicações caladas, inspirações frustradas, impactos na vida social.” (GRISCI e RODRIGUES 2007, p. 51).

É importante destacar que na visão desses autores a concentração de funções e a multimidialidade “permitem diminuir a alienação do trabalho e das fronteiras, solicitando iniciativa, cooperação, domínio do processo, tomada de decisão, envolvimento afetivo, mobilidade.” (GRISCI e RODRIGUES, 2007, p. 52) Eles ainda pontuam que esse processo, que chamam de horizontalização da organização do trabalho, faz com que o jornalista realize toda a produção da matéria desde a apuração até a diagramação. “Ao mesmo tempo em que ameniza a alienação do processo, dando ao trabalhador oportunidade de entender toda a cadeia produtiva, exige maior comprometimento e responsabilidade”

No entanto, concordamos com Reimberg (2015) quando ela faz uma crítica esse tipo de afirmação e aponta que é justamente desse discurso que as organizações se valem para ter a aderência dos trabalhadores. “Na prática, significa trabalhar mais, ter mais funções a desempenhar, menos tempo para refletir.” (REIMBERG, 2015, p. 201).

Acreditamos que as pesquisas citadas nesse capítulo¹¹ são algumas das principais referências quando se trata de analisar a vida pessoal do jornalista em relação com a sua vida profissional. Passamos agora para os detalhes dos passos metodológicos desempenhados para realização de nossa pesquisa.

¹¹ Nessa mesma linha de pesquisa há ainda o trabalho de doutorado sendo desenvolvido na UnB por Juliana Bulhões Dantas com o título “impacto das condições de trabalho do jornalista brasileiro na saúde e na qualidade de vida.

3. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa está inserida em uma área do conhecimento denominada como pesquisa qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, o essencial não é o numérico, a quantidade de informações que se obtém e sim, como o próprio nome diz, a qualidade dessas. Minayo (1996) aponta que nesse tipo de pesquisa a preocupação é “menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação.” (MINAYO, 1996, p. 102).

Para se obter essa compreensão almejada, é fundamental que o pesquisador adentre no seu campo de pesquisa. A definição de campo segundo Minayo (1996, p. 105) é “o recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação.” Ou seja, o trabalho de campo se realiza a partir dos aspectos operacionais da pesquisa mas também a partir de seus aspectos teóricos. É nesse trabalho que o pesquisador se aproxima da realidade pretendida e interage com os atores sociais que compõem essa realidade.

Isso porque nesse tipo de pesquisa se trabalha com *gente e com suas realizações* (MINAYO, 1996). Segundo essa autora, essa relação intersubjetiva entre os sujeitos da investigação e o pesquisador resulta em um produto novo que se difere tanto da realidade concreta quanto das suposições e pressupostos teóricos. Assim, nosso objetivo foi trabalhar com os jornalistas da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que constituem nosso objeto de estudo.

Nossa intensão ao trabalhar com jornalistas da cidade de Santa Maria se deve ao fato de que a maioria das pesquisas, de nosso conhecimento, que foram realizadas abarcando vida pessoal e profissional de jornalistas foram feitas em capitais ou em grandes cidades brasileiras e raramente são realizadas em cidades do interior dos Estados (a exemplo de FIGARO, 2013, em São Paulo; FERRACIOLLI, 2000, no Paraná; HELOANI, 2003, em São Paulo; KILESSE e MACHADO, 2009, em Belo Horizonte; GRISCI E RODRIGUES, 2007, em Porto Alegre, DANTAS, em andamento¹², em Natal e Brasília).

Outro motivo que justifica nossa escolha pela cidade é a proximidade entre entrevistador e entrevistado. Entendemos que há autores que consideram uma solução viável nas pesquisas os dados serem coletados através de programas disponíveis na internet, como expõe Duarte (2012), por exemplo. Ele acredita que “uma alternativa interessante ao envio de uma lista de

¹² Trabalho mencionado no segundo capítulo, 4ª nota de rodapé.

perguntas é o contato simultâneo de entrevistador e entrevistado pela internet pelo uso de chats ou blogs” (2012, p. 78). Pensamos também que essa seja uma possibilidade mas, nesse trabalho, optamos pela entrevista realizada face a face por entendermos que assim se consiga uma interação maior entre os envolvidos e seja mais fácil para o pesquisador compreender o “clima” da entrevista.

3.1 JORNALISMO SANTA-MARIENSE

Santa Maria é um município pertencente a região central do Rio Grande do Sul e segundo dados do IBGE de 2010 tem pouco mais de 261 mil habitantes e é a 5ª cidade mais populosa do Estado. Existem oito faculdades na cidade e, destas, duas oferecem curso de Jornalismo: a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o curso desde 1971 e o Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), com o curso implantado em 2003 e reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) em 2006.

Até o início de 2017 circulava na cidade o jornal impresso “A Razão”, fundado em 1934 pelo jornalista Clarimundo Flores. O jornal pertenceu aos Diários e Emissoras Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand. Na década de 80 foi adquirido pela empresa jornalística De Grandi Ltda e em fevereiro desse ano circulou a sua última edição.

O mercado jornalístico da cidade conta com um jornal diário impresso. O Diário de Santa Maria foi criado em 2002 e pertencia à família Sirotsky do Grupo RBS (Rede Brasil Sul). Em novembro de 2016, foi anunciada sua venda para um grupo de empresários locais. Segundo a seção “Fale com a redação” do jornal, existem 25 pessoas na equipe jornalística entre repórteres, editores e assistentes de conteúdo.

A Rede Brasil Sul, de maior cobertura no Estado, é afiliada à Rede Globo. Em Santa Maria a RBS TV além de retransmitir a programação nacional e de Porto Alegre gera conteúdo local com o programa “Jornal do Almoço Santa Maria” Atualmente existem na empresa sete jornalistas sendo quatro repórteres, um apresentador, um coordenador de jornalismo e ainda um jornalista que atua na edição de imagens¹³. A TV Santa Maria é uma instituição comunitária criada em 2009 e que também produz conteúdos locais. Segundo a carta de apresentação da TV Santa Maria, são realizadas, diariamente e ao vivo, duas horas de jornalismo com conteúdos sobre o esporte local e notícias da cidade. A TV comunitária tem atualmente uma jornalista formada na equipe.¹⁴

¹³ Informação cedida por telefone pelo coordenador de jornalismo da instituição no dia 19 de setembro de 2017.

¹⁴ Informação cedida por telefone pela funcionária da instituição, Thais, em 26 de setembro de 2017.

Há ainda as rádios locais como a Rádio Gaúcha, também pertencente ao grupo RBS. A rádio tem programação própria mas a maior parte de seu conteúdo é retransmissão da Rádio Gaúcha de Porto Alegre. Tem-se ainda a Rádio Guarathan, Rádio Medianeira, Rádio Santamariense, Rádio Universidade, Antena 1, Atlântida FM, Medianeira FM, Nativa FM, e Rádio Imembuí e rádios comunitárias. No entanto, nem todas essas rádios possuem programação jornalística e nem todos os seus comunicadores são formados por um curso de Jornalismo.

As assessorias de comunicação também empregam parte do mercado jornalístico da cidade, principalmente as assessorias na área política e de imprensa sindical, que abarcam certa quantidade desses profissionais. Há jornalistas trabalhando tanto em assessorias pessoais de políticos quanto nas assessorias de instituições políticas como a Câmara de Vereadores de Santa Maria e a Prefeitura Municipal de Santa Maria. A Câmara de Vereadores possui uma assessoria de imprensa que conta com três jornalistas concursados e a diretoria de comunicação com uma jornalista de cargo comissionado¹⁵. A Prefeitura municipal tem atualmente quatro jornalistas na assessoria de comunicação e nenhum deles é concursado.¹⁶

No Instituto Federal Farroupilha são três jornalistas concursados em Santa Maria¹⁷. Na Universidade Federal de Santa Maria são 15 jornalistas atuando. Cinco estão na TV Universitária, três no núcleo da rádio universidade, cinco na agência de notícias e dois na coordenadoria de comunicação.¹⁸

3.2 COLETA DE DADOS E MÉTODO DE ANÁLISE

Para a realização do trabalho de campo pode-se recorrer a alguns instrumentos. Dois deles são destacados por Minayo (1996): a observação participante “como o momento que enfatiza as relações informais do pesquisador em campo” (1996, p. 107) e a entrevista que pode ser decomposta em diferentes abordagens. Segundo sua classificação, tem-se entrevista aberta, entrevista estruturada, entrevistas através de grupos focais e histórias de vida e a entrevista semi-estruturada. Nesses casos, as informações que se quer são obtidas intencionalmente pelo pesquisador através da fala dos atores sociais.

¹⁵ Informação cedida por telefone pela jornalista da instituição, Clarissa, em 19 de setembro de 2017.

¹⁶ Informação cedida por telefone pelo jornalista da instituição, Mauricio, em 26 de setembro de 2017.

¹⁷ Informação cedida por telefone pela jornalista da instituição, Carolina, em 19 de setembro de 2017.

¹⁸ Informação cedida pela coordenadora de comunicação da instituição em 28/09/2017. É importante salientar que podem existir jornalistas formados atuando em outras vagas de concurso, como técnicos administrativos ou outros cargos relacionados ao campo mais amplo da Comunicação (como diretores de imagem, cinegrafistas, fotógrafos, redatores, produtores e outros). Não é possível aferir de forma efetiva esses dados, de modo que concentramos, para fins dessa contextualização, apenas os dados sobre profissionais ocupando vagas especificamente criadas para jornalistas.

Conforme Minayo, com a entrevista pode-se obter dados de duas naturezas: a objetiva, “referem a fatos que o pesquisador poderia conseguir através de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis” (1996, p. 108) ou a subjetiva, “os que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, isto é, suas atitudes, valores e opiniões” (1996, p. 108). Na nossa pesquisa, os dados que nos interessam são esses de natureza subjetiva, em que deixam revelar imbricações entre vida pessoal e profissional dos jornalistas a partir dos pontos de vistas e visões de mundo dos entrevistados. Escolhemos utilizar a entrevista semi-estruturada, que combina perguntas fechadas e abertas e o entrevistado pode falar sobre o tema proposto sem respostas prefixadas pelo entrevistador.

Na pesquisa qualitativa, seja ela individual ou grupal, a investigação não é orientada por perguntas predeterminadas como se realiza em um questionário ou levantamento. “A ideia não é fazer um conjunto de perguntas padronizadas ou esperar que o entrevistado traduza seus pensamentos em categorias específicas de resposta.” (GASKELL, 2015, p. 73). O que se espera é que as perguntas sejam uma espécie de convite a reflexão, em que o entrevistado pode falar longamente e com suas próprias palavras.

Tanto Gaskell (2015) quanto Minayo (1996) pontuam sobre a importância da relação de confiança estabelecida entre pesquisador e entrevistado no momento da entrevista. Para Minayo, (1996) a entrevista vai muito além de um trabalho de coleta de dados. Ela é, antes de tudo, uma situação de interação entre os participantes. Essa autora lembra que ao contrário da ótica positivista – que prepõe não envolvimento entre as partes como risco de se comprometer a objetividade – na pesquisa qualitativa o êxito de um estudo se dá justamente no envolvimento entre entrevistador e entrevistado, no aprofundamento de uma relação.

No entanto, Gaskell (2015) – embasado por Becker e Geer (1957) – lembra que assim como todo método possui suas vantagens e desvantagens, a entrevista também apresenta suas limitações. Uma delas é que o entrevistado pode omitir informações por variadas razões, por achar que tal coisa é “algo dado”, ou por ser difícil expressar determinada coisa com palavras ou ainda por pensar ser descortês ou que mostraria falta de sensibilidade sobre determinada questão. Outro ponto levantado é que o entrevistado pode fornecer visões enganadoras de uma situação, com suas “lentes distorcidas” e isso ser impossível de verificação. Tais limitações poderiam levar a falsas inferências por parte do pesquisador. Contudo, ele pondera que elas não invalidam o método.

Há de se considerar ainda que os entrevistados de nossa pesquisa são jornalistas e aí se tem um componente a mais para ser levado em consideração: Esses sujeitos estão acostumados com os meandros da entrevista jornalística e sabem qual informação destacar ou qual omitir.

Sabem também a importância de frases impactantes em uma entrevista e na posição de entrevistados poderiam usar de sua experiência profissional para escolher que informações falariam e que informações deixariam sem resposta.

Após definirmos que utilizaríamos a entrevista semi-estruturada para coletar os dados precisávamos definir como selecionaríamos os jornalistas participantes das entrevistas. Nos interessava principalmente os vínculos empregatícios que esses profissionais exerciam e se/ como eles poderiam determinar sua qualidade de vida no trabalho. Assim, para localizarmos esses sujeitos da pesquisa optamos por utilizar a técnica metodológica conhecida como “amostragem em bola de neve”, a snowball. Nesse tipo de técnica, realizada por uma rede de informantes, faz-se o contato com o primeiro participante e este indica novos participantes que indicam novos participantes e assim sucessivamente até que ocorra o ponto de saturação – quando o objetivo foi alcançado e os novos participantes repetem informações das entrevistas anteriores e não há novas informações relevantes a serem acrescentadas (WHA, 1994, *apud*, BALDIN e MUNHOZ, 2011 p. 332).

As primeiras pessoas a participarem da pesquisa são consideradas as “sementes”. Essas pessoas devem, preferencialmente, ter conhecimento de muitos membros de sua comunidade, para assim indicar os próximos participantes, os “filhos das sementes” (Albuquerque, 2009, *apud* BALDIN e MUNHOZ, 2011 p. 333). Baseados nessa técnica, selecionamos o primeiro entrevistado pois esse possuía ampla experiência profissional na cidade e conseqüentemente uma rede de contatos satisfatória. Pedimos que ele nos indicasse mais três contatos para serem entrevistados por nós, com base nos critérios dos vínculos empregatícios.

Assim, foram entrevistadas cinco pessoas, das quais duas mulheres e três homens, com idades entre 30 e 49 anos e que possuem variadas experiências profissionais e vínculos de trabalho. As entrevistas foram realizadas no período de 21 de agosto à 11 de setembro, tiveram duração média de 50 minutos e foram realizadas em sua maioria nos locais de trabalho dos entrevistados e uma delas em uma cafeteria da cidade.

Salientamos que seus nomes foram substituídos por nomes fictícios para que o sigilo dos entrevistados fosse mantido. Cada participante também recebeu e assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que se mostravam cientes e de acordo quanto aos objetivos da pesquisa e o resguardo de seu nome.

É importante elucidar ainda que quando disponibilizamos as entrevistas na íntegra, nos apêndices do trabalho, omitimos algumas partes das falas ou substituímos determinadas datas, marcas ou algo que pudesse levar a identificação dos entrevistados por palavras genéricas que aparecerão no texto entre colchetes “[]”. Esse cuidado se faz necessário para garantirmos o

sigilo dos participantes da pesquisa que trabalham em um mercado jornalístico bastante restrito. A seguir, descrevemos os participantes da pesquisa de maneira resumida para facilitar a visualização rápida sobre quem são os sujeitos pesquisados.

Diana, 35 anos. Natural de Santa Maria. Solteira. Mora com a mãe. Formada em Jornalismo pela UFSM em 2003. Tem especialização, mestrado e um doutorado em andamento. Trabalhou por dois anos como repórter e depois trabalhou como sub editora de um jornal impresso da cidade, como assessora de imprensa de um sindicato, repórter de um jornal de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, freelancer de 2006 a 2007 de outro jornal impresso de Santa Maria e depois mais seis anos como repórter contratada desse mesmo jornal, além de assessora de gabinete de um reitor da UFSM. Atualmente faz trabalhos freelances para um jornal de grande circulação no país e é analista de comunicação de uma rede de lojas.

Camila, 30 anos. Natural de Santa Maria. Tem namorado e mora sozinha. Formada em jornalismo pela Unifra em 2011. Sem pós graduação. Tem aproximadamente quatro anos e meio de experiência profissional, trabalhou em dois jornais impressos de Santa Maria.

Carlos, 34 anos de idade. Natural de Santa Maria. Mora com a noiva. Formado em Jornalismo pela Unifra em 2006. Tem curso de pós graduação. Trabalhou como repórter de um jornal impresso da cidade, é assessor de imprensa contratado de um sindicato. Tem a própria empresa de comunicação e a partir dela realiza trabalhos freelances para um jornal diário da cidade, para outro sindicato, para um *site* de notícias da cidade e outras instituições.

Francisco, 49 anos. Natural de Guaíba, PR. Solteiro. Formado em Jornalismo pela UFSM em 1993. Trabalhou como repórter em dois jornais da cidade. Realizou assessoria em um Centro de Ensino da UFSM, fez assessoria de um vereador em Santa Maria, trabalhou na assessoria de comunicação de uma instituição política de Santa Maria, deu aulas no curso de Jornalismo de uma universidade privada de uma cidade próxima a Santa Maria por um ano e tem longa experiência em assessoria de sindicato.

Joaquim, 49 anos de idade. Natural de Santa Maria. Formado em Jornalismo pela UFSM em 1990. Tem especialização, mestrado e doutorado. Foi repórter de um jornal da cidade e de outro jornal em uma cidade próxima. Jornalista concursado por uma instituição pública. Trabalhou em assessoria. Foi repórter de outro jornal da cidade e é articulista de um *site* de notícias da cidade, correspondente em Santa Maria de um jornal e de uma rádio, faz boletins para outros veículos de comunicação fora de Santa Maria e é professor de Jornalismo em uma universidade privada.

Explicamos ainda que mesmo que alguns dos jornalistas da pesquisa possuam demais atividades, para facilitar o entendimento do leitor, nos referiremos a eles a partir de suas

atividades principais. Ao jornalista Joaquim nos referiremos como concursado e/ou professor de Jornalismo. Ao profissional Francisco nos referiremos como assessor de imprensa. Quando retratamos percepções de Camila nos referiremos a ela como jornalista de redação. Quando falarmos de Carlos, nos referiremos a ele como jornalista freelancer e quando nos referirmos à Diana chamaremos de analista de mídias sociais.

O roteiro de perguntas que realizamos nas entrevistas foi elaborado considerando nosso referencial teórico, nossas leituras sobre as mudanças no jornalismo. Algumas das perguntas foram inspiradas nas questões que Reimberg (2015) abordou com seus entrevistados. Também tivemos alguma inspiração na pesquisa de Heloani (2003) e Figaro (2013), que mencionamos no segundo capítulo. Apresentamos o roteiro de nossas entrevistas:

1. Nome:
2. Idade:
3. Estado Civil:
4. Formado por qual instituição? há quanto tempo?
5. Já realizou ou realiza curso de pós graduação?
6. Em que locais já trabalhou e por quanto tempo? Quais atividades na área já realizou?
7. Qual seu tipo de contrato de trabalho? Se sente satisfeito com essa forma de contratação?
8. Você considera justa/adequada a remuneração financeira recebida pelo seu trabalho? Por que?
9. Como é sua rotina de trabalho? (explorar o que faz durante o trabalho)
10. Como você avalia seu ritmo de trabalho? (horas por dia, fim de semana, matérias produzidas?) Você acha que nas capitais ou em grandes cidades esse ritmo de trabalho é diferente? mais intenso? Em que sentido?
11. Você considera sua profissão estressante? Se sim, poderia dar exemplos de que tipo?
12. Você acha que seu trabalho afeta sua vida pessoal de alguma forma? De que maneira?
13. Já ocorreram situações em que precisou deixar de realizar algum compromisso pessoal em função do trabalho?
14. Você consegue se planejar na vida pessoal (Em curto, médio ou longo prazo?)
15. Você consegue ter momentos de lazer? Que tipo de atividades gosta de fazer? Tempo pra família e relacionamentos?
16. Você acha que o trabalho de jornalista gera sofrimentos? De que tipo?
17. Você acha que o trabalho de jornalista gera prazer? Em que sentido?
18. O que é qualidade de vida no trabalho para você? Você considera ter essa qualidade de vida no seu trabalho?
19. Já houve alguma situação de trabalho que o levou a ter algum tipo de dor (dor de cabeça, dor nas costas, dor nos pulsos, por exemplo)? Se sim, é comum isso acontecer? Com que frequência? Em que situações?
20. Você já vivenciou ou presenciou alguma situação de assédio moral?
21. O que o levou a escolher o jornalismo como profissão? Essa visão é diferente da que você tem hoje sobre o jornalismo?

22. Como você se define enquanto profissional jornalista? Como você define sua profissão?
23. Você acha que a profissão de jornalista deve ser exercida apenas por quem possui um diploma de Jornalismo? Por que?
24. Tem algo mais que você considera relevante sobre seu trabalho como jornalista e que gostaria de falar e não foi contemplado com as questões?

Ao final da entrevista, pedíamos indicações de outros jornalistas que pudessem ser entrevistados, conforme nossos critérios dos vínculos de trabalho e atividades desempenhadas.

Para tratar as informações obtidas através das entrevistas, recorreremos a análise temática de conteúdo, que é amplamente utilizada em pesquisas da área da Comunicação. Minayo (1996) se apoia na conceituação de Bardin quanto à definição e utilização do método:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”. (BARDIN, 1979, p. 42 *apud* MINAYO, 1996, p. 199)

Essa conceituação, construída anos após o surgimento da Análise de Conteúdo (AC), carrega suas diferenças em relação à definição criada pelo que é considerado o pai teórico da análise de conteúdo nos Estados Unidos, Bernard Berelson. Para defini-la ele utiliza as palavras descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações.

Isso porque as primeiras definições davam ênfase na dimensão quantitativa do método, advinda do positivismo e do neopositivismo, em que os elementos analisados deveriam ser computados matematicamente, como lembra Hercovitz (2008). Essa autora refaz brevemente a linha do tempo da análise de conteúdo desde o surgimento. Ela aponta que esse método já vinha sendo aplicado em áreas das ciências sociais – por vertentes que pensavam que através da análise da mídia se poderia observar a sociedade, sendo a mídia o termômetro cultural. Mas que a análise de conteúdo da mídia, propriamente dita, foi fundada por Harold Lasweel, nos Estados Unidos, em 1927. Esse estudioso da comunicação, junto com Paul Lazarsfeld, estabeleceu as fundamentações teóricas da AC entre os anos 1920 e 1930.

O primeiro livro escolar foi publicado por Berelson, na primeira metade do século XX. Já nos anos 50, a AC se popularizou quando utilizada para analisar temas específicos como racismo, violência e discriminação contra as mulheres no cinema e na TV.

Na segunda metade do século XX, as críticas ao método se davam em razão do valor expressamente quantitativo e com foco exclusivo no conteúdo analisado. Hercovitz (2008) aborda as críticas a esse método, realizadas por pesquisadores qualitativos, como sendo um método superficial, que desconsidera o contexto dos objetos e dá margem a simplificações

quantitativas. Mesmo alguns pesquisadores quantitativos, acusaram a AC de não ter uma rigorosidade na definição das categorias nem ser plenamente replicável.

No entanto, Hercovitz enxerga que esse método possui características heterogêneas “pode ser vista como um método que reúne elementos quantitativos e qualitativos – coloca-a num gueto metodológico de onde ela sai reforçada e não enfraquecida, como defendem alguns críticos.” (HERCOVITZ, 2008, p. 125). Segundo ela, a tendência atual da AC é integrar as visões quantitativas e qualitativas, para que sejam analisados os significados aparentes de um texto assim como os significados implícitos, o contexto, o público para quem é dirigido e o meio de comunicação em que é produzido. Essa autora propõe a definição da análise de conteúdo como:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERCOVITZ, 2008, p. 126-127).

Com o objetivo de verificar em que medida e como a análise de conteúdo vinha sendo aplicadas nos estudos em comunicação, Quadros, Assmann e Lopez (2014) analisaram teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil no ano de 2012. Foram analisados 613 trabalhos (476 dissertações e 137 teses). Dentre esses trabalhos, 57 utilizavam a análise de conteúdo como método de pesquisa. Essas autoras identificaram 21 trabalhos em que a análise de conteúdo apareceu como método isolado. Na maioria dos trabalhos publicados, 36 pesquisas, a AC foi utilizada de aliada com demais técnicas e metodologias de pesquisa.

Dos métodos usados de forma combinada, o mais utilizado foi o estudo de caso, em seguida aparece a análise do discurso de vertentes diversas e em terceiro lugar, as entrevistas em seus diferentes formatos. Quadros, Assmann e Lopez (2014) perceberam ainda que pesquisadores recorreram à AC principalmente para analisar textos jornalísticos publicados em jornais e revistas impressas (18 trabalhos); sites blogs e redes sociais (16 trabalhos); materiais audiovisuais (12 trabalhos), entrevistas e questionários (7 trabalhos) e ainda outros materiais. Esses resultados demonstram que nas pesquisas em comunicação brasileiras tem-se feito um amplo uso da análise de conteúdo, combinada a diferentes métodos e em variados objetos de pesquisa.

Com relação aos procedimentos metodológicos da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa, Gomes (2008) destaca os seguintes: Categorização, inferência, descrição e

interpretação. Não necessariamente nessa sequência. Mas em geral se realiza da seguinte maneira:

- (a) decompor o material a ser analisado em partes (o que é parte vai depender da unidade de registro e da unidade de contexto que escolhemos); (b) distribuir as partes em categorias; (c) fazer uma descrição do resultado da categorização (expondo os achados encontrados na análise); (d) fazer inferências dos resultados (lançando-se mão de premissas aceitas pelos pesquisadores); (e) interpretar os resultados obtidos com auxílio da fundamentação teórica adotada. (GOMES, 2008, p. 88)

Esse autor observa que nem toda análise de conteúdo percorre esse trajeto e que esse caminho depende muito mais do propósito de pesquisa, do objeto de estudo, da natureza do material disponível e da perspectiva teórica adotada.

A medida em que líamos as entrevistas com os jornalistas transcritas, percebíamos temas importantes de serem tratados. Agrupamos esses temas em torno de uma unidade de sentido central, a categoria. Assim, organizamos esses temas em quatro grandes categorias de análise centrais: O sentido do trabalho, a organização do trabalho, vida pessoal e trabalho e sofrimento e prazer no trabalho. Essas categorias serão explicitadas ao longo desse capítulo.

Disponibilizamos nossa tabela com as marcações dos subtemas e temas. Cada marcação de um subtema que realizávamos na tabela, com sua cor em específico e em negrito ou sublinhado, também marcávamos nas entrevistas. Para cada subtema criávamos um novo documento no programa *word* e inseríamos o assunto em específico. Na tabela é possível ver como separamos as categorias e seus subtemas e como organizamos nossa linha de raciocínio para tratar de cada assunto.

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBTEMAS
Sentido do Trabalho	Visões sobre a profissão
	O que leva a ser jornalista
	O jornalista se define
	Da academia para o mercado
	Diploma
	Amor pela profissão
Organização do Trabalho	Ritmo de trabalho
	Rotinas de trabalho
	Horas trabalhadas
	Contratação e remuneração
	Multifunção
Vida Pessoal e Trabalho	Vida pessoal
	Impacto das tecnologias
	Planos e compromissos
	Relacionamentos
	Lazer
	Qualidade de vida no trabalho
Sofrimento e Prazer	Sofrimento
	Estresse
	Dores
	Assédio moral
	Prazer pelo que faz

Figura 1: Categorias de análise da pesquisa

Ressaltamos que as análises foram feitas e as categorias foram organizadas não somente com base na resposta do entrevistado em relação à pergunta mas ao que os jornalistas disseram durante toda a entrevista e ainda sobre seu lugar de fala ou contexto em que vive o entrevistado. Por exemplo, quando perguntamos ao profissional se ele já vivenciou ou presenciou uma situação de assédio moral no trabalho de jornalista e ele responde que não mas ao longo da entrevista relata situações de assédio, consideramos que esse jornalista já tenha presenciado a situação mesmo que não a reconheça como tal. Mencionados os processos metodológicos, passamos agora para a descrição, interpretação e análise dos resultados da pesquisa.

4 ENTRANDO NO MUNDO DOS JORNALISTAS

A partir das leituras de nossas entrevistas, percebemos que os conteúdos poderiam ser agrupados em quatro categorias temáticas: a primeira, sentido do trabalho, em que abordamos a concepção de jornalismo para os profissionais, o que os levou até essa profissão, a relação de amor com o trabalho, como se definem, que mudanças perceberam no mercado de trabalho em relação ao apreendido na academia e o que pensam sobre a exigência do diploma para o exercício da profissão. Na segunda categoria, organização do trabalho, discorremos sobre o ritmo, a rotina, remuneração e satisfação dos profissionais com sua forma de contratação.

Na terceira categoria, vida pessoal e trabalho, mostramos como os profissionais percebem suas vidas afetadas pelo trabalho, os impactos das tecnologias na vida pessoal, como se dão os relacionamentos em função do emprego, momentos de lazer e qualidade de vida no trabalho. Na quarta e última categoria, abordamos as vivências de assédio moral, dores, estresse e o que os jornalistas consideram sofrimento e prazer na profissão.

As primeiras duas categorias de análise são importantes para que o leitor conheça melhor o contexto de trabalho dos entrevistados e possa perceber também de qual lugar de fala os entrevistados partem quando se expressam, nas duas últimas categorias.

4.1 ESTÁ DECIDIDO: VOU SER JORNALISTA

Nessa categoria estão organizadas as visões que os jornalistas tem sobre o que é o jornalismo, o que levou essas pessoas a escolherem o jornalismo como profissão, como esses sujeitos se definem enquanto jornalistas. Mostramos ainda que mudanças ocorreram em sua percepção sobre o mercado de trabalho depois da formação, quais suas opiniões sobre ter ou não um diploma de jornalismo para exercer a atividade e seu sentimento em relação à profissão que é externado em suas falas.

As transformações pelas quais o jornalismo vem passando, de certa forma, permeiam a fala de todos os entrevistados. Há os que se referem diretamente a essas transformações e há os que apontam pontos em que elas ocorrem mesmo se referindo de forma indireta.

Para o jornalista assessor de imprensa, Francisco, essa profissão está em decadência e cada vez mais burocratizada. Ele usa esse termo para se referir a um modo de produção que cumpre manuais e as informações são divulgadas de modo padronizado. Para esse profissional, isso tem acarretado em uma perda de interesse por parte dos leitores nos textos jornalísticos e a profissão só vai sobreviver se passar por uma outra formatação e que tenha pessoas que escrevam bem. Ele cita nomes de jornalistas que na sua concepção realizam/realizaram esse

trabalho como Geneton Moraes Neto e Pedro Bial. Francisco pontua ainda a questão de o jornalismo ser um trabalho precarizado.

O jornalista freelancer, Carlos, define a profissão mais pelo seu viés econômico. Ele destaca a pouca valorização financeira do profissional que faz com que o jornalista trabalhe cada vez mais. A analista de comunicação, Diana, classifica a profissão como difícil e que exige muito do profissional. Ela comenta sobre a instabilidade da profissão em que há cada vez menos empregos em um mercado que não comporta tantos profissionais. Diana demonstra preocupação com a profissão quando aponta a questão das *fake news* em que a informação passada pelo jornalista precisa ser checada. Para ela, as bases da profissão estão mudando e quem tem entrado no mercado de trabalho recentemente se sente perdido pois nem quem já está atuando há mais tempo no mercado sabe qual será o futuro da profissão.

O comunicar com credibilidade e paixão é o que marca a fala da jornalista de redação, Camila. Ela também aborda a responsabilidade que o profissional deve ter em função do alcance do seu trabalho e o fato de as pessoas usarem o trabalho produzido pelos jornalistas como referência.

A responsabilidade social que o profissional deve ter também aparece em vários pontos da entrevista com o jornalista concursado e professor de Jornalismo, Joaquim. Ele diz que “A gente entra no jornalismo pra fazer trabalho sério e pra tentar melhorar a vida das pessoas, principalmente daquelas que não tem vez nem voz”. Essa visão é fomentada pela própria característica do seu emprego, em uma instituição pública.

Então tu procura fugir um pouco do foco comercial do jornalismo. Meu foco mais nessa uma hora é mais na área do serviço público e da população. [...] Procuo fugir dessa esfera mais comercial, como eu disse, acho que a comunicação pública ela tem esse papel [...]. Então o fato de trabalhar numa emissora educativa acho que facilita esse foco assim né, de tu ter a liberdade com responsabilidade na produção desse conteúdo e na valorização da informação.

Quando questionados sobre o que os levou a escolher o jornalismo como profissão aparece na maioria das falas o gosto pela escrita. Vem à tona memórias de infância e adolescência em que desde essa época já se sentiam identificados com a profissão.

A jornalista Diana aponta que tinha tanta certeza do que queria que fez o vestibular tradicional e o processo seletivo seriado (PEIES) para o mesmo curso. Ela conta que durante o colégio realizou atividades com vídeo e que também tinha um texto diferente e gostava de escrever coisas diferentes.

O jornalista Carlos lembra das oficinas que a professora do ensino médio realizava e que fazia que os alunos lessem vários artigos de jornal e ainda precisavam escrever bastante.

Isso despertou seu desejo pela profissão. O jornalista Francisco destaca que gostava muito de fazer redações desde o ensino fundamental e que elas sempre eram elogiadas pelos professores.

O jornalista Joaquim comenta de sempre ter gostado de ouvir rádio e ler jornais. Ele se lembra que a mãe sempre deixava o rádio tocando desde a madrugada, de saírem pro colégio e o rádio continuar ligado. A jornalista Camila relata que o jornal impresso local era algo que estava sempre presente em sua casa desde a infância e que ela cresceu lendo esse jornal. Na adolescência ela não sabia qual curso escolher e a decisão de se tornar jornalista só aconteceu depois de um acompanhamento vocacional de seis meses. Mas, segundo ela, no início da faculdade já tinha a sensação de que “estava no lugar certo”.

Se há pontos em comum sobre o que os levou até essa profissão, as definições de como se percebem enquanto jornalistas, que tipo de perfil profissional pensam ser, guardam relações com a própria personalidade dos pesquisados e revelam algumas diferenças de concepção entre eles.

O jornalista assessor de imprensa de sindicato, Francisco, lembra que durante a faculdade participava de movimento estudantil e se considera como um jornalista rebelde, que questiona as ordens recebidas, combativo em determinados aspectos e inquieto. O jornalista concursado e professor de Jornalismo, Joaquim, se define como um profissional feliz, que realiza seu trabalho de maneira séria, independente, focada e com isenção mas que não acredita na imparcialidade. Um jornalista que analisa todos os lados e que tem credibilidade na cidade em função do trabalho desempenhado. O jornalista freelancer, Carlos, aponta que uma boa definição para ele é *workaholic*.

A jornalista de redação Camila, se descreve como uma profissional apaixonada pela profissão, dinâmica, curiosa, que “tenta ir atrás” e que “tenta sempre ver o lado de tudo mais bonito possível”. A jornalista analista de comunicação afirma ser uma profissional que gosta de ouvir histórias e poder conta-las da melhor maneira possível.

Em certos momentos, alguns jornalistas também questionam a formação recebida na faculdade que, para eles, não condiz em muitos pontos com o que experimentam no mercado de trabalho. Alguns entrevistados apontam ainda como sua visão sobre a profissão mudou depois de se formarem e ingressarem no mercado de trabalho e como suas expectativas de trabalho foram contrastando com a realidade vivenciada.

A analista de comunicação diz que sempre brinca que quando se entra na faculdade se quer mudar o mundo e quando sai da graduação a pessoa percebe que talvez não possa mudar o mundo mas pelo menos pode tentar mudar o quintal de casa. Ela exemplifica essa fala como acompanhar a política da cidade, o que acontece na Câmara de Vereadores. A profissional conta

que entrou na faculdade pensando no jornalismo impresso mas que depois se encantou pelo audiovisual. Queria trabalhar nessa área mas ao sair da faculdade os empregos em que foi trabalhando foram na área do jornalismo impresso e que acabou se envolvendo com audiovisual nas pesquisas de pós graduação.

O assessor de imprensa conta que ao começar a trabalhar, nos anos 90, tinha a perspectiva do jornalismo militante e que seu trabalho na redação seria uma ferramenta de transformação social que levasse as pessoas a refletirem e a se mobilizarem para transformar a realidade. Mas ele avalia que, após 27 anos de experiência no mercado, há uma acomodação dos novatos na profissão. Para ele, esse sentimento de mobilização e transformação da realidade não é mais uma prioridade dos jornalistas que entram nas redações e muito em função do mercado cada vez mais enxuto. “Como cada vez tem menos espaço no mercado pior ainda, então você vai ter que competir pra entrar no mercado. Então o pessoal quer trabalhar, não necessariamente tá pensando ‘o meu trabalho vai gerar alguma coisa transformadora’”. Segundo ele, sua visão hoje é mais realista e menos utópica e um dos motivos que o fizeram ter essa percepção é a de que o jornalista sempre vai ter um patrão, seja no sindicato ou na redação, e esse patrão é quem vai estabelecer os limites de até onde o jornalista pode ir.

Francisco nos dá uma ideia do que figurava no imaginário dos jornalistas militantes de movimentos sociais dessa época de 1980/1990 com relação ao trabalho de assessoria de imprensa e como as ofertas de trabalho que esse profissional recebeu foram levando-o para o campo que tinha certa aversão.

Inclusive a gente não gostava de assessoria de imprensa e eu acabei me especializando em assessoria. A gente não gostava muito porque é aquela coisa assim, assessoria de imprensa trabalhava pra empresa, era porta-voz e tal, e aí eu me imaginava sendo um repórter daqueles furungador, da *Folha*, da *Veja* na época e tal. Só que, enfim, a realidade te coloca num determinado trilho né.

Se para alguns jornalistas trabalhar para empresas representava uma coisa considerada ruim, outros já demonstram interesse pelo tema do empreendedorismo. Percebemos também que essas visões sobre assessoria de imprensa ainda são bastante atuais e permeiam também nosso curso de Jornalismo. O jornalista freelancer que entrevistamos traz essa questão do empreendedorismo em sua fala. Para ele, a faculdade ensina apenas o jornalista a ser funcionário e não ensina como ser empreendedor do próprio negócio. Ele diz ainda que a primeira coisa que notou desde que saiu da faculdade para trabalhar como jornalista foi de que o jornal é uma empresa como qualquer outra que visa o lucro e isso fez também com que percebesse de modo diferente sua profissão. “Na faculdade eu tinha aquela ideia ‘ah, vamos

fazer a notícia, vamos mostrar a verdade, fazer o melhor possível’ mas no final é só mais um negócio, sabe?”.

Essas falas dos profissionais que relatam algumas mudanças de percepção sobre a profissão ao ingressar no mercado de trabalho se conectam com o que Figaro (2014) aponta sobre a relação idealizada com a profissão que vai desaparecendo na medida em que os dilemas do cotidiano vão aparecendo. “A depender das relações de trabalho, esse elo dourado com o jornalismo idealizado vai se desfazendo” (FIGARO, 2014, p. 30), conforme mencionamos no segundo capítulo.

Quem também aponta as diferenças percebidas em relação ao mercado após sair da academia é a jornalista de redação, Camila. No seu entendimento, a faculdade não ensina “*ipsis litteris*” o que é o mercado e que ainda há, nas suas palavras, muitos “contos de fadas na faculdade”. “E daí tu chega nas empresas e ‘mas não foi assim que eu aprendi, cadê aquela regrinha que eu aprendi na faculdade?’”.

Esse ponto sobre a contribuição da formação acadêmica para o profissional também desponta no discurso da analista de comunicação, Diana. Para ela, as faculdades precisam se reinventar, precisa haver um diálogo maior entre faculdade e academia. A jornalista traz essa questão quando o assunto é o diploma de jornalismo.

Todos os nossos entrevistados se manifestaram a favor de que o profissional exerça a profissão sob o respaldo do diploma de jornalismo. No entanto, alguns se mostraram favoráveis mas com alguma flexibilidade enquanto outros se mostraram totalmente favoráveis.

O jornalista freelancer Carlos é um dos que se mostraram totalmente favoráveis. Sua impressão pessoal é que depois que o diploma deixou de ser obrigatório para o exercício da profissão a desvalorização do profissional se acentuou. “Quando tiraram o diploma a coisa começou a piorar”. Na fala desse entrevistado, o diploma de jornalismo aparece atrelado a receber uma formação ética. “Não é porque eu sou cara de esquerda que eu vou tentar ferrar o cara que é do PSDB, que é do PMDB, sabe? Tem que ter ética”. No entanto, nós não compartilhamos dessa visão de que a ética jornalística esteja atrelada a formação recebida na universidade. No nosso entender, a ética está muito mais relacionada com os valores morais do indivíduo do que de fato com o que ele aprende na universidade.

O jornalista concursado que também é professor de jornalismo, Joaquim, aponta que mesmo não sendo contra quem trabalhe na área sem ter passado pelo curso de Jornalismo se considera um defensor do diploma. Para ele, a formação é necessária por se tratar de uma formação humanística e não somente técnica. “Se não valer o ensino do jornalismo nas faculdades a gente fecha tudo então e acaba com... Tá de brincadeira então, tá de brincadeira.

[...] Se não fosse, repito, vamos fechar todos os cursos e acabar então com o ensino de jornalismo”.

Já os jornalistas Francisco, Diana e Camila responderam que são a favor mas entendem que ter um diploma, ter entrado em uma faculdade de Jornalismo não é garantia que dali saia um bom profissional. O assessor de imprensa Francisco diz que sempre defendeu o diploma mas de uns tempos pra cá tem revisto essa ideia. Para ele “tem muita gente pegando canudo nas faculdades particulares que são horríveis em termos de escrita. [...] um português primário, não leem, e se os professores indicam acham uma chatice a leitura”.

A jornalista de redação, Camila, diz que inclusive marchou nas manifestações que criticavam a decisão do STF de acabar com a obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo. Na sua visão, quem recebeu a formação acadêmica está mais preparado e qualificado para ingressar no mercado de trabalho. Assim como o jornalista Carlos, ela acha que o diploma se torna importante para a valorização do profissional.

A jornalista Diana se diz favorável ao exercício da profissão com diploma de Jornalismo “desde que as coisas passem por um planejamento melhor”. Ela conta que fez o programa de treinamento em Jornalismo oferecido por um jornal de grande circulação e no final do treinamento quem foi escolhido para a vaga foi uma pessoa que tinha formação em Biomedicina. “Então isso te faz pensar? Faz. Eu estudei a vida inteira pra ser jornalista e de repente foi ele que ficou com a vaga, entende? Então isso tem um peso também”. A analista de comunicação reforça que não adianta somente ter o diploma e não saber pensar a comunicação, não saber fazer fotografia, não saber dizer o que é uma notícia.

Todos os entrevistados em algum momento da pesquisa falaram sobre o sentimento que carregam quando se referem a sua atividade profissional. Frases como “a gente brinca que o jornalismo é uma cachaça para o repórter”, “na verdade eu nunca pensei em fazer outra coisa”, “me descrevo como uma jornalista apaixonada pela profissão”, “eu adoro ser repórter, é o que eu mais gosto de fazer”, “não me vejo assim fazendo outra coisa”, “acho que ser jornalista é prazeroso”, eu tenho amor por aquilo que eu faço” e “é o meu ganha pão e a minha razão de vida” forma alguns dos sentimentos externados pelos jornalistas.

Percebe-se que quando os jornalistas buscam definir sua atividade profissional, quando lançam olhar sobre o mercado em que atuam, suas falas carregam também os dissabores da profissão, o que lhes gera desconforto. Mas, ao mesmo tempo, figuram também nos discursos seu sentimento de amor em relação a profissão, ainda idealizada. Essa relação transita pelos dois lados da mesma moeda, do que os jornalistas consideram que seja prazer e sofrimento na profissão, e será vista com mais clareza na última categoria analisada.

4.2 RITMO INTENSO, ROTINA ACELERADA

Nessa categoria mostraremos como se dá a organização do trabalho dos jornalistas entrevistados, como eles consideram ser seu ritmo de trabalho e sua rotina, se estão satisfeitos com sua(s) forma(s) de contratação e sua remuneração, as multifunções que exercem ou já exerceram em seus empregos e os impactos das tecnologias no seu trabalho.

Quando fazemos a comparação entre as respostas dos jornalistas sobre como mencionam seu ritmo de trabalho, percebemos que há desde os que consideram ter um bom ritmo de trabalho até aqueles que dizem ter um ritmo “meio louco”.

O jornalista assessor de imprensa pensa ter um bom ritmo de trabalho principalmente quando comparado ao mercado de trabalho em redações. O profissional concursado aponta que quando era mais novo seu ritmo de trabalho era mais acelerado e que em função da idade, começou a “tirar o pé do acelerador”. No entanto, ele considera que hoje o jornalista trabalha muito mais do que quando não se tinha internet.

Hoje tá tudo na internet. Então não tem horário, 24 horas você tá teclando, tá conversando, tá postando matéria, tá tirando foto. Então hoje acho que se trabalha muito mais. E não é à toa que tá se mudando o perfil do jornalismo. Hoje cada vez mais jornalistas novos, novos com menos idade, ingressam nas redações. E jornalistas na faixa de 40, 50 anos estão perdendo os empregos. [...] Antes a gente pensava mais o jornalismo, o que fazer, pautas eram melhor trabalhadas. Hoje a gente perdeu um pouco disso pela dinâmica do jornalismo com a internet, com as redes sociais, e também em algum momento com a falta de leitura dos mais novatos assim pra entender essa, entender o mundo. Então um aspecto é pelo trabalho acelerado, pela velocidade do trabalho, por outro lado se perde a consistência do material que é produzido. Esse aceleração, não se pensa o que tu vais produzir, o que tu vais fazer, né. E algumas empresas elas preferem contratar dois jornalistas novos, um por três e o outro por dois mil e tirar aquele que ganha cinco.

Ele expressa que sua rotina é em algum momento cansativa mas que leva isso da melhor maneira possível. Segundo ele, até quarta-feira ela é mais intensa e a partir de quinta e sexta-feira, mesmo cumprindo as obrigações, já começa a desacelerar, “tem que se preservar”. Através do que ele expõe percebemos uma preocupação maior em termos de autocuidado. Até pelo lugar de onde sua fala parte, visto que também é professor de Jornalismo, parece ser uma pessoa que consegue fazer constantes reflexões sobre as mudanças do Jornalismo e sobre o próprio trabalho.

A analista de comunicação considera que seu ritmo de trabalho seja intenso e que por isso precisa haver organização. Ela conta que consegue parar de trabalhar para fazer as refeições na hora do almoço e do lanche, diferentemente do que acontecia quando trabalhava em redação que, em função do ritmo de trabalho e da lógica de produção, as vezes almoçava ao meio dia e

as vezes almoçava as quatro da tarde. Diana lembra também que, devido ao ritmo intenso de trabalho de grandes cidades, quando fez o *trainee* de um jornal de grande circulação, chegava na redação de manhã e ficava até muito mais tarde, um comportamento que ela afirma ser naturalizado.

A jornalista de redação acha que seu ritmo de trabalho é muito intenso. Ela diz que “tu entra no jornal, tu começa a trabalhar” e que tem dias em que o seu horário de trabalho não é suficiente para fazer tudo que tem que fazer e tem dias que “sobra tempo” no sentido de que terminou as matérias que precisava fazer e aí pode começar a produzir matérias futuras ou pensar em matérias frias.¹⁹

Camila ainda precisa lidar com o trabalho produzido sob pressão em que, perto do final do expediente, as editoras começam a cobrar sobre como está o andamento da produção. “Realmente assim é algo que as vezes é um bichinho ali no teu ombro ‘vai, vai, vai’ mas vai te nortendo”.

O jornalista freelancer diz que seu ritmo de trabalho é “meio louco” e “sempre corrido, sempre corrido” e que para o próximo ano pretende continuar nesse ritmo louco porque é como ele gosta de trabalhar. A rotina de trabalho de um jornalista freelancer é mais flexível se comparada a de alguém que sabe qual seu horário de entrada e saída da empresa. Se um jornalista de redação ou um assessor de imprensa sabem que precisam gerenciar seu tempo de produção e apresentar os resultados do seu trabalho dentro dos horários de trabalho, o freelancer precisa estar pensando em como vai organizar seu ritmo de trabalho ao longo de todo dia, e precisa fazer isso durante todos os dias pois não tem uma rotina fixa.

O jornalista freelancer da nossa pesquisa, que trabalha para diferentes instituições, não tem um único local de trabalho. Ele diz ter um escritório montado em casa e tem seu próprio espaço nos dois sindicatos que tem vínculo. Sua rotina de trabalho basicamente é dividida entre esses três locais. Ele aponta que a vantagem de se trabalhar para um dos sindicatos em que atua é que eles não exigem que ele esteja disponível no local todos os dias. Com isso, ele pode fazer outras atividades durante esse tempo como dar carona para a noiva quando ela precisa ou ir a algum evento pessoal. Mas, em compensação, ele precisa ficar sempre à disposição da instituição. “Eu acabo ficando atento a tudo que está acontecendo pra sempre fazer alguma matéria quando eles precisarem”, uma disponibilidade que não é tanto física mas bastante mental.

¹⁹ No jornalismo, matéria fria significa aquele tipo de matéria que não é factual, que não tem uma urgência na publicação.

No dia em que o entrevistamos, no início da tarde, ele nos contou que as quatro horas da tarde faria a cobertura jornalística de uma assembleia do sindicato e depois das cinco e meia da tarde cobriria um ato que o sindicato faria. Após isso, iria para casa, faria a matéria sobre esses eventos, passaria as fotos da câmera para o computador, selecionaria as fotos e atualizaria a página do Facebook da instituição. Nesse mesmo dia ele ainda planejava trabalhar nas matérias que estava fazendo para um informativo de uma instituição da cidade e queria conseguir terminar até as quatro da manhã para enviar. Em outro ponto da entrevista ele conta que seu combinado com o dono de um *site* de notícias de Santa Maria, para o qual faz reportagens, é de que ele faça pelo menos três matérias por dia. Segundo ele, sua rotina está mais corrida que o habitual pelo fato de o dono desse *site* ter adoecido e ele ter assumido as atividades nesse período.

A jornalista de redação, Camila, diz que sua rotina de trabalho é corrida mas que no emprego atual é muito bem organizada mesmo que em algumas ocasiões precise trabalhar em horários diferentes do contratual. Como teve experiência profissional como jornalista em dois empregos, sua referência de rotina organizada se dá em comparação ao seu emprego anterior em que ela afirma que havia muita desorganização por parte da empresa em saber gerenciar os processos de trabalho. Camila lembra que na redação que trabalhava anteriormente chegou a escrever sete textos em sete horas para um jornal que tinha 16 páginas. Nessa redação ela diz que era comum os jornalistas fazerem várias horas extras e não receberem por isso. Ela narra que em um determinado momento chegou a acumular uma carga horária de horas extras relativa a um mês. Logo que entrou nesse jornal, seu horário de trabalho era das nove da manhã as duas da tarde mas ela diz que várias vezes entrou na redação as nove da manhã e saiu as nove da noite. “Às vezes eu sabia que ia ter muitas coisas pro final de semana que por conta eu entrava até as nove da manhã, até as dez da manhã e eu trabalhava até as nove, dez da noite.”

No emprego atual da jornalista de redação, seu horário é das 13h30 até as 18h45, cinco horas diárias, com intervalo de quinze minutos. Ela conta que com a correria do trabalho as vezes acaba não fazendo os quinze minutos ou comendo em frente ao computador, enquanto trabalha. Segundo ela, nesse emprego as próprias editoras cobram para que os empregados façam o intervalo. A política da empresa, conforme Camila, é de que os jornalistas façam horas extras apenas se for necessário e, caso os jornalistas precisem fazer, isso deve ser previamente combinado e autorizado pelos editores.

Segundo o artigo 303 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a duração normal do trabalho do jornalista não pode exceder cinco horas diárias de trabalho, tanto de dia como de noite. Essa duração pode ser estendida ainda a sete horas, mediante acordo escrito. Os

entrevistados por Ferracioli (2000) disseram que as cinco horas diárias prescritas estão apenas no papel pois na prática trabalhavam entre 15 e 18 horas diárias. Na pesquisa de Heloani (2006), os resultados apontaram que a maioria dos entrevistados trabalhava de 41 a 60 horas semanais.

O jornalista assessor de imprensa da pesquisa, Francisco, tem uma jornada de 25 horas semanais e caso o trabalho passe das 5 horas diárias ele recebe hora extra. No seu emprego há o benefício de receber 100% da remuneração sobre o valor da hora extra, número superior aos 50% que a legislação trabalhista prevê. Francisco menciona que é o responsável por gerenciar a parte *online* do sindicato em que trabalha. Ele administra o *site* e o *Facebook* da instituição. É importante destacar que nesse sindicato há uma equipe de comunicação em que atuam outros três jornalistas: um produz o jornal impresso e os outros dois trabalham com a produção dos materiais audiovisuais. Assim, eles podem se repartir para fazer as coberturas. Há ainda na comunicação do sindicato mais duas relações públicas. O entrevistado diz que a maior parte dos funcionários da instituição é da área da comunicação.

O jornalista concursado, Joaquim, conta que tenta se planejar na sua rotina. Ele trabalha no período da manhã na instituição pública com um programa diário que ele produz e apresenta de segunda a sexta-feira. Mas diz que já na noite anterior em que o programa vai ao ar, seleciona algumas informações que possa falar durante o programa. Conforme Joaquim, eventualmente quando precisa fazer a cobertura de eventos nos sábados ou domingos, consegue compensar essas horas trabalhadas a mais. No serviço também há a vantagem de ser liberado quando precisa, como aconteceu no seu mestrado e doutorado. Ele precisa gerenciar esse trabalho na instituição pública com o trabalho como professor. De manhã está em função do programa, com jornada das sete ao meio dia. Sua carga horária é de 25 horas semanais. No final da tarde – ou no meio da tarde quando há necessidade – ele vai para faculdade em que dá aulas e chega em casa por volta das 11 da noite.

A analista de comunicação, Diana, trabalha de segunda a sexta-feira das oito da manhã até as seis da tarde com duas horas para almoço e no sábado pela manhã. Segundo ela há uma flexibilidade por parte da empresa que a libera para que ela curse as aulas do doutorado e depois compense esses horários. Conforme Diana, já chegou a ficar uma semana ausente do trabalho para participar de eventos na época em que fazia mestrado. Ela diz que se for preciso fechar um mês sem todas as horas cumpridas não há uma cobrança pois foi um acordo firmado entre ela e a empresa em relação as suas aulas. “O que importa é que o trabalho esteja feito”.

Mas essa flexibilidade não aconteceu na redação do jornal em que ela trabalhava quando estava fazendo as aulas do mestrado. “Foi o que me trouxe problema dentro da redação porque eu chegaria mais tarde em um dos dias de trabalho e eles não concordaram com isso. Foi quando

eu fui demitida.” Dentro das suas oito horas de trabalho diárias, sua função principal é relacionada as mídias sociais da empresa, principalmente o *Facebook*, mas ela também precisa coordenar o que será postado no *blog* ou no *instagram* da empresa. Ela também faz algumas fotos dos produtos que a rede de empresas comercializa e ajuda a pensar, junto com a agência de publicidade, como serão as campanhas publicitárias da empresa, o que será focado, que *spot* vai para o rádio e ainda escreve semanalmente, em nome da empresa, uma coluna para o jornal da cidade. Aqui há uma mudança na relação que deixa de ser entre a jornalista e o público para o qual escreve e passa a ser entre analista da comunicação e o cliente.

Dos cinco jornalistas entrevistados, os que parecem ter uma rotina de trabalho mais constante, com horários mais regulares, é o assessor de comunicação, a analista de comunicação e o jornalista concursado. Já o trabalho do jornalista freelancer e da jornalista de redação, pela própria lógica de funcionamento, são mais inconstantes. No caso desse primeiro, pela característica dos próprios vínculos que exerce, flexíveis, e no caso da segunda, pela fato de o jornalismo de redação ser dinâmico, baseado no factual.

Além de saber como é a rotina de trabalho dos jornalistas nos interessava saber também se os entrevistados se sentiam satisfeitos com a forma de contratação. Todos eles disseram se sentir satisfeitos. A analista de comunicação, o assessor de imprensa e a jornalista de redação trabalham com registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e o jornalista concursado tem vínculo estatutário. O jornalista freelancer tem um contrato de trabalho com um dos sindicatos que o emprega e os seus outros trabalhos freelances são realizados a partir da sua empresa de comunicação.

Com relação a remuneração, o assessor de imprensa, a analista de comunicação, a jornalista de redação e o jornalista freelancer manifestaram o desejo de ganhar mais do que recebem atualmente. Francisco diz que acha que o que recebe é justo se comparado ao mercado de trabalho convencional e que está até um pouco acima do mercado. Ele destaca que teve coisas boas construídas pelo fato de trabalhar para um sindicato, como os reajustes salariais. Ele faz a ressalva de que pelo seu tempo de trabalho e experiência poderia ganhar um pouco mais mas precisa levar em consideração também os limites financeiros da instituição em que trabalha.

A analista de comunicação, Diana, também compara sua remuneração atual ao mercado de trabalho convencional. Ela diz que hoje sua remuneração é mais compatível com o salário recebido do que quando trabalhava em redação em que ficava a disposição do jornal o tempo inteiro – como por exemplo quando tinha que levar o telefone de plantão da empresa para a casa – e não recebia por isso.

A jornalista de redação, Camila, considera que a remuneração de jornalista poderia ser maior quando se considera o alto nível de estresse envolvido e pela responsabilidade da profissão. Ela aponta que também gostaria que a CLT fosse melhor mas já se sente mais tranquila porque está trabalhando em um local que cumpre essas regras. É importante destacar um aspecto de sua fala quando a jornalista responde sobre a satisfação com a contratação. Seu discurso revela o que paira no imaginário de certos profissionais sobre o trabalho com carteira assinada ser uma forma arcaica, em desuso, que dá lugar a relações contemporâneas e flexíveis de trabalho. “Eu conheço muita gente que trabalha com comunicação que basicamente só trabalha como *freela* e prefere. Eu não sei se me sentiria muito segura. Pode ser um pensamento meio mesquinho e antigo essa coisa da carteira assinada ser uma segurança mas eu gosto assim”.

A segurança que a entrevistada se refere diz respeito a ter direito aos benefícios como férias remuneradas, 13º salário, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), aposentadoria, seguro desemprego, auxílio doença que quem trabalha sobre o regime jurídico da CLT tem direito. Os concursados, que trabalham sob o regime jurídico estatutário, também dispõem de benefícios e ainda uma estabilidade no emprego garantida pela constituição federal e só podem ser demitidos em casos específicos. Já quem trabalha como freelancer não dispõe desses benefícios trabalhistas e também não possui estabilidade financeira, podendo ter mais trabalhos e receber mais em alguns meses e em outros menos.

O jornalista concursado e professor de Jornalismo considera que sua remuneração está dentro das possibilidades que se vê no mercado de trabalho. O profissional recebe remuneração proveniente do trabalho como professor de jornalismo e do trabalho como jornalista concursado. Há de se considerar ainda que no serviço público existe o incentivo a qualificação e na medida em que um servidor recebe titulação de nível de pós graduação sua faixa salarial aumenta e nosso entrevistado tem titulação de doutorado.

O jornalista freelancer acha justa a remuneração que recebe de um dos sindicatos que trabalha pelo fato de lhe pagarem o piso da capital – que é mais alto em relação ao piso do interior – e por não precisar cumprir horário fixo na instituição, o que lhe permite trabalhar com outras instituições. Com relação aos demais vínculos, ele nos relata na entrevista quais são os contratantes que, segundo ele, pagam bem e os que não valorizam o profissional. Carlos diz que os trabalhos que compensam financeiramente de se fazer são os de grande volume e que não demandam muito trabalho para serem produzidos. Quando comenta de uma das empresas para o qual presta serviço ele conta que o valor do pagamento combinado entre eles era “absurdo, absurdo, absurdo” e que nem sabia porque tinha aceitado pegar aquele serviço.

Esse profissional relata que nos tempos em que a economia estava a todo vapor chegou a ganhar seis, sete mil reais mas que com a crise econômica seus rendimentos diminuam. Dentre os jornalistas entrevistados, Carlos é o profissional com mais vínculos de trabalho e provavelmente um dos que tem a remuneração mais alta. No entanto, essa diversidade de vínculos e atividades gera um custo na vida pessoal, como veremos na categoria “trabalho e vida pessoal”.

Não é só a questão dos muitos trabalhos que pesa para o profissional. Há ainda as multifunções que um mesmo jornalista precisa desenvolver. O assessor de imprensa faz uma reflexão sobre essa questão da exigência do mercado de o jornalista ser multimídia.

E um outro elemento aí também dificultador é que o mercado exige que o jornalista seja tudo, ele é repórter, ele é fotógrafo, ele é videotuber, seja lá como chama. Então isso aí também é uma coisa que dificulta. Essa história que todo mundo é colaborador né... A precarização do trabalho é algo que tá arrebatando com o jornalista.

Francisco expressa que mesmo no trabalho em que são entre quatro jornalistas precisam saber fotografar, filmar, trabalhar com as redes sociais e que é muito difícil que o profissional seja bom em tudo. “Então acho que um dos problemas do jornalismo é a questão da precarização, do excesso de coisas que tem pra fazer”.

A analista de comunicação também aborda as diversas funções desempenhas pelos jornalistas a partir da exigência do mercado de trabalho. “Se antes você tinha um repórter pra fazer cada coisa hoje você divide um repórter pra fazer várias. Então as vezes essa rotina acaba sendo cansativa, exaustiva e a gente cai de novo naquela questão da qualidade”. Ela relata ainda que teve experiência de trabalhar em um jornal de uma pequena cidade e considera que o ritmo de trabalho do profissional de interior é também “acirrado” por ser um jornalista apenas para fechar tudo e ele “ter que abraçar todo o trabalho”.

O freelancer Carlos relata que como o dono do *site* para o qual trabalha como repórter ficou doente, ele teve que assumir também como editor e que vai continuar assim por pelo menos duas semanas. Em outro momento, ele relata que quando um dos sindicatos para o qual trabalha fez aniversário, ele também organizou todos os eventos, a programação inteira. O trabalho de organização de eventos é da competência do profissional de Relações Públicas mas o que acaba acontecendo é que, por questões econômicas, as empresas utilizam o mesmo profissional para realizar todos os serviços.

A jornalista de redação Camila comenta que no emprego anterior era repórter mas basicamente também era a editora das suas matérias. Segundo ela, mesmo que existisse uma subeditora na redação que dizia qual assunto era importante para sair no jornal do próximo dia,

quem decidia os enfoques para as matérias, as fontes que iria contatar, era ela. Camila relata também que nesse mesmo emprego, durante alguns meses, ela e todos os colegas da redação anunciavam quais eram os destaques do dia do jornal, na rádio pertencente ao mesmo grupo. Ela lembra ainda que durante um evento da cidade fazia a apuração das notícias para o jornal e simultaneamente fazia os boletins ao vivo para essa mesma rádio. “Ao invés de eles contratarem repórteres para rádio, usavam a gente da redação e nesse caso eu não reclamo porque (lógico, eu não recebia nenhum centavo a mais) não reclamo porque sei que acabei ganhando currículo”.

O “ganhar currículo” que a jornalista expõe faz parte do ciclo a que os profissionais estão submetidos. Por exigência do mercado, para terem mais chances de serem contratados, precisam ter um currículo que abarque diversas habilidades e ao mesmo tempo para conseguirem adquirir essas diversas habilidades precisam se submeter aos desmandos do mercado.

4.3 NA VIDA PROFISSIONAL: JORNALISTA. NA VIDA PESSOAL: JORNALISTA

Nessa categoria de análise veremos como o trabalho afeta a vida pessoal do jornalista, seja relacionado aos seus múltiplos afazeres, aos trabalho que por vezes vem acima dos compromissos pessoais, se esses profissionais pensam conseguir ter momentos de lazer, como o trabalho afeta os relacionamentos e, por fim, enfocaremos a relação do trabalho com a qualidade de vida desse trabalhador.

Já abordamos, no segundo capítulo desse trabalho, algumas pesquisas que enfatizam a vida pessoal do jornalista afetada pela vida profissional a exemplo dos trabalhos de Reimberg (2015), Figaro (2013), Killesse e Machado (2009), Grisci e Rodrigues (2007) Ferracioli (2000) Heloani (2003) e Travancas (1993).

Os jornalistas entrevistados da pesquisa se sentem afetados na vida pessoal em função do trabalho que realizam ou em função de ter que desempenhar várias atividades para conseguir ter uma qualidade de vida melhor.

O assessor de imprensa, Francisco, exprime que o trabalho o afeta no sentido de estar sempre pensando nas atividades, de carregar preocupações do ambiente profissional pra casa. Ele diz que ao conversar com os colegas, percebe que isso acontece de maneira geral pois em algum momentos levam as preocupações para o lar mas que tem tentado se desligar mais do trabalho.

O jornalista concursado também aponta que se sente afetado pelo trabalho em função de carregar a carga emocional do dia-a-dia pois para ele o jornalista tem que ter a sensibilidade

de saber se ver no outro. A fala desse jornalista, em outros momentos da entrevista, revela que ele consegue dar uma atenção para si próprio – que diz ser também em função da idade – pois ele afirma que procura ter um cuidado maior com sua saúde e alimentação, tem um dia da semana dedicado a ir na piscina para caminhar dentro da água, se exercitar, como ele diz, ficar mais tranquilo.

O freelancer, Carlos, também diz se sentir afetado em sua vida pessoal. Ele exprime que “trabalha pra caramba todos os dias” e não consegue aproveitar a vida da maneira que gostaria. Assim que se formou, ele tinha o desejo de comprar um carro, ficar por Santa Maria e queria, justamente, aproveitar a vida. O aproveitar a vida que ele menciona é exemplificado como ir ao cinema ou conhecer um lugar novo da cidade. “Vamos no cinema hoje de noite?” ‘Não posso, eu tenho que fazer matérias pro site’ ‘Vamos conhecer o shopping novo hoje de noite?’ ‘Não posso, tenho que fazer não sei o que...’.

Outro ponto que destacamos em sua fala é o impacto de seu ritmo de trabalho nas horas de sono. No dia em que o entrevistamos, ele diz ter dormido quatro horas por noite e que no dia anterior também foi do mesmo modo. “É meio louco assim”, externa. Segundo ele, sua rotina estava mais corrida que já é pelo fato de estar fazendo sua função e mais a do dono do *site* para o qual trabalha. Segundo ele, normalmente consegue dormir da meia noite as sete. Carlos compara seu trabalho ao de um professor, que sempre precisa levar trabalho para fazer em casa e de noite.

A jornalista de redação, Camila, considera que no emprego atual sua vida pessoal seja menos afetada do que no anterior. Ela destaca também que consegue estabelecer uma certa prioridade em relação a um compromisso pessoal realizado duas vezes na semana, depois do horário de trabalho. Segundo ela, as editoras estão “extremamente avisadas” desse compromisso. “Às vezes elas esquecem, lógico e me olham ‘preciso que tu fique’ ‘Não, não posso, porque eu tenho meu compromisso. Eu fiz o meu horário e eu tenho esse meu compromisso”. No entanto, já aconteceu de precisar faltar a essa atividade em função do trabalho. Ter que trabalhar no feriado também é um ponto que ela diz que afeta sua vida pessoal.

Conforme a jornalista, nesse trabalho ela diz que o que a afeta é ter apenas um final de semana completo de folga – no outro emprego tinha dois finais de semana e compensava trabalhando dois finais de semana seguidos – mas que sabe que isso está dentro das normas da CLT, é uma coisa que ela compreende, não é algo que a afete ao ponto de querer desistir da profissão.

Camila expõe que já havia pensado em desistir do jornalismo no emprego em que trabalhava antes pelas condições de trabalho mas que reavaliou a situação e percebeu que o

problema não era a profissão, o problema era o local de trabalho. “Eu não gosto do que fazem com a gente neste local”. Aparece na fala dessa jornalista a questão do isolamento social desencadeado pelas condições de trabalho. Quando estava nesse emprego, a profissional relata que chegava em casa e os amigos ligavam convidando-a pra sair mas ela não ia porque estava exausta e queria ficar sozinha.

Para a jornalista analista de comunicação, Diana, não é o seu trabalho que afeta sua vida pessoal mas a conjugação de estar fazendo diversas coisas ao mesmo tempo como, por exemplo, ter que gerenciar suas aulas com o trabalho, os trabalhos freelances e estudar de noite para as disciplinas do doutorado.

Outro ponto que nos chama atenção nas entrevistas é o impacto que as ferramentas tecnológicas, que deveriam ser utilizadas para e no trabalho, tem na vida pessoal dos jornalistas entrevistados.

O assessor de imprensa, Francisco, comenta que com a questão do celular e das redes sociais acaba resolvendo coisas do trabalho fora do horário de trabalho. Ele pontua que costuma olhar os *e-mails* do trabalho em casa e também gerencia pelo *e-mail* pessoal a página do *Facebook* da instituição em que trabalha. Então, quando acessa o e-mail pessoal, acaba vendo quem interagiu com a página do trabalho. Eles destaca ainda os grupos do *Whatsapp* de trabalho e que inclusive chegou a silenciar alguns mas que em algum momento acaba lendo as mensagens. Francisco relata como foi utilizar essa ferramenta de trabalho durante um período de grande movimentação dos sindicatos: as greves.

Ano passado durante a greve, foi muito estressante, foi a primeira experiência de uma greve com *whatsapp*. Foi muito estressante porque era feriado, final de semana e o pessoal publicando coisas e as vezes cobrando coisas. Então você percebe que é muito difícil, está cada vez mais difícil de se desligar do trabalho, né.

Na opinião do jornalista, com as redes sociais e o acesso delas pelo celular, tem sido quase impossível se desligar plenamente do trabalho. A analista de comunicação, Diana, relata que quando trabalhava em redação diversas vezes precisava levar o telefone de plantão da empresa para a casa. Ela também aborda os momentos em que não estava em horário de trabalho e acessava o site do jornal, na época da redação, ou no emprego atual respondendo os clientes que faziam perguntas na página da empresa, para que as mensagens não fiquem sem ser respondidas.

A jornalista de redação, Camila, afirma que por ter se acostumado a, no emprego antigo, desempenhar muitas atividades quando foi contratada no novo emprego tinha a sensação de não estar fazendo o suficiente. Ela conta que ao sair do local de trabalho ficava lendo, pelo celular,

as mensagens que eram enviadas para o *e-mail* de trabalho, observando possíveis notícias e ligando para a redação. Conforme o relato de Camila, a própria editora do jornal foi quem chamou a atenção para a situação.

E aí um dia a editora sentou comigo e disse “quem bom, tu tem vontade, tem gana, mas tu tem que viver. Passou das tuas cinco horas aqui, esquece. A não ser que seja algo extremamente gigantesco o que tu tá vendo ‘ah, é um acidente que capotou não sei o que lá, ai ok, é um lado jornalista que não tem como esconder” faz fotos, nos liga, acontece, mas tipo, refresca a cabeça, entendeu? Não lê e-mails quanto tu sai daqui, não vai atrás, não busca.

Essa situação contada pela jornalista nos deixou surpresos pelo fato de que o que se lê tanto no meio científico quanto em relatos por meios informais é que o que acontece no mercado jornalístico é justamente o oposto, em que a cultura profissional estabelecida é a de empresas aproveitarem e estimularem essa entrega de tempo pessoal do jornalista. No entanto, um dos entrevistados relata ter conhecimento de que essa postura passou a ser adotada após o Ministério do Trabalho cobrar multas da empresa jornalística, na época em que pertencia a outros donos. Segundo o relato desse entrevistado, houve uma época em que o jornal fechava as duas da manhã e alguns jornalistas entravam de manhã e só conseguiam sair no horário do fechamento.

Perguntamos também aos jornalistas se eles conseguiam se planejar em sua vida pessoal e se já precisaram desmarcar algum compromisso pessoal em função do trabalho. Com relação aos planejamentos, a analista de comunicação diz não gostar de fazer planos mas todas vezes que foi necessário ela se planejou. O assessor de comunicação diz que consegue fazer planos a curto, médio e longo prazo. A jornalista de redação diz que a curto prazo é mais fácil de se planejar mas a médio prazo é mais difícil pois precisa ficar em função da sua escala de trabalho no fim de semana. Ela cita o exemplo de um festival que pretende ir em dezembro, e que os ingressos já estão à venda, mas não sabe se vai ter folga do trabalho naquele final de semana.

O jornalista freelancer exprime que se for algo imediato, do dia-a-dia, é mais complicado porque ele tem bastante coisa pra fazer. Mas se for uma coisa planejada ele afirma que normalmente consegue. O exemplo usado por Carlos foi se planejar para limpar a casa no final de semana e assistir seriados em uma plataforma *online*. O jornalista concursado, Joaquim, diz que consegue se planejar no período de férias e feriados e que nos finais de semana depende dos eventos que estão programados pois precisa fazer a cobertura deles. Percebe-se que a própria referência temporal do que é se planejar a curto, médio e longo prazo varia entre os jornalistas da pesquisa.

Os entrevistados também disseram ter compromissos pessoais cancelados em função do trabalho. No caso do assessor de imprensa, ele diz que já aconteceram situações desse tipo mas

que não é comum. O jornalista concursado diz que já aconteceu mas acontecia com mais frequência quando estava no mercado de trabalho tradicional. “Mas assim, quando você tem alguma cobertura extra pra fazer no final de semana automaticamente você abre mão do seu horário na realização desse ato”. Joaquim explica que enxerga esse tipo de situação com normalidade, que para ele não é algo pesado que vá trazer irritação e diz que procura encarar da melhor maneira possível.

No emprego atual como analista de comunicação, Diana afirmou que nunca precisou cancelar um compromisso em função do trabalho e que essas situações ocorriam mais quando trabalhava como repórter.

Aconteceu de eu estar em festa de formatura, eu era repórter de polícia, aconteceu um homicídio e eu precisar ir no homicídio. Aconteceu de estar chegando depois de um dia muito cansada, exaustivo, e caiu o teto ali das Dores no carnaval e ter que voltar e trabalhar mais um pouco.

Ela relata também, do trabalho como repórter, que é preciso respeitar os horários em que a fonte deseja falar sobre o assunto – quando se trata de temas delicados como tragédias – e que aí o trabalho aparece como prioridade na vida. A repórter de redação, Camila, também relatou algumas situações em que precisou desmarcar compromissos pessoais por causa do trabalho.

Pelos relatos dos entrevistados depreende-se que o cancelamento dos compromissos particulares ocorre com mais frequência quando se trabalha como repórter de redação até mesmo pela dinâmica do trabalho nesses locais, em que se trabalha com o factual, no imediatismo.

A questão da atenção para a família e relacionamentos também é importante de ser destacada. A maioria dos jornalistas entrevistados mencionam a relação dos relacionamentos com a profissão. Quatro dos cinco participantes da pesquisa são naturais de Santa Maria e o fato de trabalharem na cidade de origem e poderem ficar perto da família também vem à tona nas entrevistas.

Um dos motivos que levou o profissional Joaquim a prestar o concurso de jornalista na cidade foi a possibilidade de trabalhar perto de casa e poder ficar próximo da família. O outro argumento que ele aponta é a estabilidade que esse emprego poderia lhe trazer para conseguir ter uma qualidade de vida.

O desejo de ter estabilidade no emprego é o que leva muitas pessoas a fazerem concursos públicos, inclusive alguns jornalistas. Sant’Anna (2006), ao pesquisar sobre “quem faz a notícia no parlamento brasileiro”, aferiu que quase 60% dos jornalistas do Senado Federal se sentiam

satisfeitos com o emprego e pouco mais de 27% dos jornalistas se sentiam razoavelmente satisfeitos. Esse nível de satisfação foi mais que o dobro do grupo controle, composto por jornalistas da imprensa tradicional que também fazem cobertura jornalística no Senado. Algumas das razões dessa satisfação foram principalmente o salário recebido, o nível de autonomia profissional e a liberdade de expressão no emprego, a segurança no emprego, a possibilidade de ajudar pessoas e a sociedade e o tipo de produto jornalístico realizado.

O jornalista freelancer lembra que quando começou a trabalhar como *home office* ainda morava com os avós e usava a sala da casa deles para produzir seus trabalhos. Ele interpreta que essa situação era meio estranha. Chama atenção também a fala desse entrevistado quando ele diz “hoje eu moro com minha noiva. Graças a Deus nós não temos filhos porque se tivesse ia ser uma despesa a mais” em que a decisão de ter ou não filhos fica condicionada muito mais pelo fator econômico do que por razões afetivas. Na visão dele, o salário que os jornalistas recebem pelo trabalho em redação também se relaciona com a constituição familiar. “Tu não vai conseguir ter uma família, pelo menos não em Santa Maria, sendo repórter de jornal, infelizmente”.

A analista de comunicação aponta que a família acaba se acostumando com a rotina do jornalista que trabalha em redação “vai ter o evento e você não vai estar ali. Ou vai dar uma passadinha, vai ir mais cedo, vai ir mais tarde, mas que não vai estar o tempo todo porque faz parte do pacote”. Ela lembra de quando era escalada para trabalhar no domingo e passava pela vizinhança e sentia o cheiro do churrasco mas que não podia ficar por que “comeu mais cedo para estar no trabalho no início da tarde, comeu o que dava pra comer”. Ela diz que apesar de isso lhe cortar o coração não considerava uma coisa pesada por que acabava se acostumando.

A jornalista de redação relata também a preocupação da sua família em função do seu trabalho. Ela descreve que, no antigo emprego, quando ainda morava com os pais, a mãe a questionava se estava se alimentando bem e se ela não achava que estava trabalhando demais. Camila diz também que quem percebeu que ela estava adoecendo mentalmente pelas condições de trabalho nesse emprego foi o namorado porque ela não conseguia enxergar a situação vivida.

Um dia ele [namorado] me disse, me olhou muito bravo assim, “Sai desse emprego. Eu dou dois meses pra tu sair desse emprego porque senão eu não sei o que vai acontecer. Vamos fazer um acordo? Em dois meses se tu não conseguir nada tu sai do emprego igual e vai trabalhar em qualquer coisa, no comércio, no que surgir, até tu voltar pro mercado, porque tu tá ficando muuuuito doente.

Camila diz que no emprego atual consegue ter a vida mais organizada, consegue passar um tempo com os amigos, os pais e o namorado. Ela comenta que acha que seu namorado só

entende a lógica de horários do seu trabalho porque os horários de trabalho dele também são flexíveis.

Poder ter um tempo para estar com os amigos, sair para jantar com o namorado e os pais é o que essa jornalista considera como momento de lazer. Ir ao cinema, passear em um dia de folga, ficar em casa assistindo *Netflix*, dormir, estar “de boeira” são apontados por Camila como atividades de lazer. Ela diz que no atual emprego consegue fazer essas atividades com uma frequência bem maior do que no antigo emprego.

Para o jornalista freelancer, lazer é poder assistir uma série na *Netflix* durante o dia inteiro, ficar em casa comendo pipoca, ir ao cinema durante a semana, ir visitar os parentes da noiva em uma cidade próxima de Santa Maria, poder descansar um pouco. Ele diz que também adora viajar para as praias do nordeste do país e que não tem conseguido juntar dinheiro para esse fim. Mas que no verão pretende tirar uma semana de férias para tentar ir em alguma praia dessa região. Carlos comenta que esse é o ápice do lazer possível. Como seus trabalhos são flexíveis, ele é quem decide seu tempo de férias. Logo após dizer que tiraria uma semana de férias ele emenda a frase “tu sai de férias e descansa, não faz nada. Mas tu volta com uma vontade de escrever, de trabalhar de novo, isso renova as energias”.

Para o assessor de imprensa, Francisco, momentos de lazer são os momentos em que pode ver filmes, ir ao cinema, viajar eventualmente e ficar dormindo. Para a jornalista analista de comunicação, os momentos de lazer são os momentos que trazem felicidade sem que esteja conectada ao trabalho. Ela cita que ama viajar, adora cinema, ver filmes – comenta que por pesquisar sobre cinema precisa ter jogo de cintura para ver um filme sem analisar cientificamente. Aponta que gosta também de fazer muay thai, ver pessoas, conversar, dar uma volta no “Brique da Vila Belga”, ir a um show, ao teatro, assistir séries. Segundo ela, tem conseguido ter momentos de lazer com frequência.

O jornalista concursado também expressa que consegue ter momentos de lazer com frequência. Para ele, lazer é sair pra jantar, fazer um lanche, um churrasco no domingo, se reunir com amigos, ficar algumas horas com a família, ir ao cinema quando possível. Joaquim diz que consegue encontrar brechas nos fins de semana para fazer isso.

Por fim, abordaremos o que os jornalistas entrevistados consideram ser qualidade de vida no trabalho. O conceito de qualidade de vida no trabalho desenvolvido por Walton (1973), do qual Heloani (2006) utiliza em sua pesquisa engloba oito pontos: remuneração justa e adequada; condições de trabalho; desenvolvimento de capacidades; oportunidade de crescimento; integração social; constitucionalismo; equilíbrio entre vida e trabalho; e relevância social do trabalho na vida.

Para investigar a qualidade de vida dos jornalistas em sua pesquisa, Heloani (2006) utilizou um Inventário de Qualidade de Vida, construído por outros autores, em que os jornalistas responderam a 45 perguntas fechadas. Os pesquisados deveriam marcar sim ou não nas questões conforme o estado em que se encontravam no momento. As perguntas eram relativas aos quadrantes de vida social, afetiva, profissional e de saúde. No nosso trabalho nos interessava saber o que os jornalistas entendem como qualidade de vida no trabalho e se consideram ter essa qualidade de vida a partir de seu conceito. Até pelo número de pessoas que entrevistamos ter sido bem menor ao da pesquisa de Heloani, pudemos optar por perguntas abertas sobre esse tema.

Para o assessor de imprensa, a qualidade de vida no trabalho está relacionada a conseguir se planejar para fazer um trabalho bem feito. Ele diz que no seu trabalho, de maneira geral, consegue ter essa qualidade de vida mesmo que ainda não seja 100%.

A jornalista de redação brinca que “no mundo ideal”, qualidade de vida no trabalho é chefes compreensivos, que entendam quando a pauta não está fluindo, ter uma boa relação com os colegas de trabalho. Ela diz que seu ambiente de trabalho atual é muito saudável e que as pessoas se escutam e se ajudam na medida do possível.

A analista de comunicação destacou como importante o local de trabalho oferecer as condições técnicas necessárias aos jornalistas, uma boa relação com a chefia, uma boa relação com os colegas, ter uma equipe que queira colaborar. Diana salienta ainda ter uma rotina que não ultrapasse o seu limite. Todos esses elementos é o que ela considera ser um bom clima de trabalho. Segundo a profissional, ela consegue ter essa qualidade de vida no local em que trabalha pois a empresa oferece ginástica laboral e eventos para reunir os funcionários. Ela conta que inclusive foi selecionada para receber uma remuneração financeira mensal do doutorado mas em função da instabilidade do orçamento do Governo Federal para as universidades e de ter um bom clima no seu ambiente de trabalho, decidiu ficar na empresa.

Diana fala que está cursando o doutorado também em busca de uma melhor qualidade de vida e de trabalho. E que se a função do jornalista fosse melhor remunerada, “se não precisasse dessa busca toda eu poderia ter uma melhor qualidade de vida de no sentido de noite ser o meu horário de lazer”.

Para o jornalista concursado, ter qualidade de vida no trabalho é ter as condições necessárias para realizar um bom trabalho, ter o aval dos chefes e a parceria dos colegas porque “o jornalismo é feito em equipe”. Ele diz que no momento considera satisfatório esses aspectos no seus locais de trabalho, que pode melhorar mas que também depende dele porque também fazer parte do processo.

Os demais jornalistas da pesquisa relacionam, de modo geral, a qualidade de vida no trabalho com a boa relação com os chefes e colegas. Como o trabalho de jornalista freelancer é realizado muitas vezes fora da redação, os parâmetros de qualidade de vida no trabalho acabam sendo outros. É importante mencionar que o conceito de qualidade de vida no trabalho definido pelo jornalista freelancer que entrevistamos está mais relacionado ao não trabalho. Ele considera que essa qualidade de vida seria terminar o trabalho em menor tempo possível para conseguir aproveitar a noite e dormir oito horas por dia. O jornalista também relacionou a qualidade de vida com não trabalhar aos finais de semana, que ele considera raro, porque na profissão de jornalista isso não acontece. Ele diz que atualmente não tem qualidade de vida no seu trabalho – a partir do que ele conceitua – que sua rotina é bem corrida mas que espera alcançar isso no futuro. Quando perguntamos de que maneira ele pretende alcançar isso ele diz que gostaria que os sindicatos para o qual trabalha lhe pagassem mais pois “assim eu poderia largar um trabalho ou outro mas é que sempre surge outra coisa, sabe? É impressionante. E eu acabo pegando, eu acabo pegando. É que eu gosto de fazer isso”.

A partir das falas dos entrevistados podemos ter uma certa compreensão de como o trabalho tem afetado a vida pessoal dos jornalistas. Alguns dos entrevistados desempenham mais de uma atividade profissional. No caso do jornalista Joaquim, mesmo tendo a estabilidade que desejava com o concurso, assumiu o vínculo de professor há quase treze anos. Segundo ele, o jornalista “sempre gosta de agitação, acho que é isso que nos move e faz com que tu desempenhe uma série de atividades né”. O profissional comenta que a partir do meio da semana, mesmo cumprindo as obrigações profissionais firmadas, já começa a desacelerar. Ou seja, ele tem essa opção de desacelerar e organiza seu ritmo de trabalho de maneira que consiga fazer com que isso aconteça.

Assim como Joaquim, o jornalista freelancer Carlos também desempenha outras atividades. No entanto, se o jornalista freelancer desacelerar seu ritmo de trabalho, isso impactará em sua remuneração financeira e por isso sua rotina é sempre corrida. Ou seja, ele considera que não tem uma boa qualidade de vida no trabalho mas também não sabe por que meios chegar a um resultado satisfatório sem comprometer sua vida financeira.

4.4 TRABALHO QUE DÁ PRAZER, TRABALHO QUE FAZ SOFRER

Nessa categoria abordaremos o que os jornalistas consideram que seja sofrimento gerado pelo trabalho, o assédio moral nos ambientes profissionais, o estresse da profissão, as dores físicas e emocionais decorrentes do trabalho e o que os jornalistas entendem como prazer motivado pelo trabalho.

Entre as questões respondidas pelos jornalistas que compõem a amostra da pesquisa de Reimberg (2015) uma das perguntas era “O que vê como sofrimento no seu trabalho de jornalista?”. Para esses profissionais, o sofrimento atrelado à organização do trabalho está nas “condições de trabalho e a precariedade, as jornadas exaustivas, a pressão contra o relógio e pelo prazo de fechamento, o desgaste físico e emocional, o próprio trabalhar e suas etapas.” (REIMBERG, 2015, p. 265). Aparecem também nas falas, a baixa remuneração, ter que trabalhar em finais de semana e a falta de reconhecimento. Ela relata que questões ligadas a autonomia, subjetividade e realização profissional também emergem das falas desse profissional.

Tratar de temas para os quais você não está preparado, falta de espaço para a reflexão, cobrir o que não gosta, perseguição e não poder desenvolver o seu trabalho, frustração de não poder dizer tudo, frustração de não trabalhar no que queria, frustração em relação à matéria, fazer pauta sem identificação; não ter liberdade para se expressar; não conseguir fazer o jornalismo em que acredita. (REIMBERG, 2015, p. 265)

Ter que lidar com a morte nas coberturas de tragédias e se envolver com os problemas dos entrevistados sem nada poder fazer para ajudar, apenas relatar a situação, também foi mencionado por alguns jornalistas da pesquisa.

Algumas dos motivos geradores de sofrimento em função do trabalho relatados pelos jornalistas que entrevistamos se assemelham aos resultados obtidos por Reimberg (2015) em sua pesquisa. Para o jornalista Carlos, o sofrimento aparece em função da má remuneração, de estudar durante quatro anos e depois de concluir a faculdade ter um retorno financeiro de dois mil reais, salário insuficiente para pagar todas as contas. Para o jornalista Joaquim, o sofrimento é gerado por ver o sofrimento do outro e não poder, enquanto profissional, dar uma contribuição tão eficiente quanto gostaria.

Para a jornalista Diana, o trabalho de jornalista não gera sofrimento. O que gera sofrimento, em sua interpretação, são as redações mal administradas. Quando os editores não tem uma dimensão dos limites e potenciais dos seus repórteres, quando não se tem essa dimensão, isso gera sofrimento. Quando o repórter não é ouvido pelo editor algumas vezes, gera uma ansiedade, uma rede de problemas que causam sofrimento. Quando o repórter não consegue produzir uma matéria bem feita por ter que fazer três que acabam não tendo tanta qualidade em função do tempo. “Ninguém vai ser feliz fazendo uma coisa que de repente não está dentro daquilo que ela sabia que era o máximo que ela podia dar”. A questão da quantidade em detrimento da qualidade também aparece na fala da jornalista Camila quando exprime que o repórter sabe que não tem como haver qualidade em sete textos feitos em sete horas.

Essa jornalista conta os momentos de sofrimento que passou no antigo emprego em função também da má administração dos processos produtivos na redação.

Eu chegava em casa e eu só chorava, eu chegava em casa e eu só reclamava, eu chegava em casa e eu só queria me enfiar de baixo da coberta e dormir. Foi um momento assim que eu era um trapo, eu ia pro trabalho e aguentava os comentários mais esdrúxulos da terra, eu chegava em casa completamente esgotava, eu tomava banho, as vezes eu nem comia, deitava e dormia.

Na visão do jornalista Francisco, eventualmente o estresse gera efeitos físicos mas principalmente mentais. “Muitas preocupações, questões internas, problemas de diálogo, dificuldades de relacionamento gera um sofrimento psíquico”.

O estresse também foi uma das questões perguntadas aos jornalistas na nossa pesquisa. Heloani (2006), conceitua o estresse como “o esforço despendido por determinado organismo, diante de determinada demanda externa, seja essa solicitação excessiva ou moderada, boa ou ruim”. Ele explica que “Os estressores externos são todos os eventos, bons ou maus, que ocorrem na vida da pessoa, no seu mundo externo como morte, promoção, dificuldades financeira”. Em sua pesquisa, ele utilizou como método o “Manual do Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL, 2000)”. A partir do que os sujeitos da pesquisa assinalavam, Heloani pôde avaliar se os jornalistas tinham ou não estresse, se os sintomas eram de ordem somática ou psicológica e que nível de estresse apresentavam.

Como resultado, Heloani (2006) avaliou que 24 jornalistas apresentaram sintomas de estresse em fase de exaustão e resistência, num universo de 44 participantes. Os outros 20 entrevistados “aprenderam’ a suportar os elementos estressores” (HELOANI, 2006, p. 192). Na nossa pesquisa, nos interessava a percepção do jornalista sobre o estresse gerado pelo seu trabalho.

Para o jornalista Francisco, a profissão gera estresse mas em alguns momentos mais e em outros menos. Os fatores que levam ao estresse, para ele, são as preocupações com o emprego no seu caso específico com o número de sócios, a arrecadação do sindicato, a pressão política e as cobranças que a entidade sofre. O fato de ter que dirigir quando viaja e a estrada ser um risco também foi apontado como motivos que podem gerar estresse.

O estresse do trabalho mencionado na resposta do jornalista Joaquim se assemelha aos que ele responde sobre sofrimento na profissão. Estresse gerado por ser um trabalho em que se lida com fatos que envolvem pessoas, fatos que estão diretamente ligados com as pessoas.

O jornalista Carlos comenta que a profissão é estressante pelo fato de o profissional estar sempre correndo contra o tempo. Segundo ele, sempre tenta adiantar tudo o que pode. “Se

eu deixar para o último dia vai dar problema. Porque vai emendar com alguma outra coisa, ter que virar a noite e as vezes nem isso funciona”.

Tanto Carlos quanto Diana e Camila se referem ao estresse do trabalho de redação e em todas essas falas a questão do estresse aparece seguida do sentimento de que mesmo que o trabalho seja considerado estressante, é considerado também gratificante. Esses três entrevistados destacaram como fator gerador de estresse o conseguir falar com a fonte e ela passar as informações que o jornalista precisa em tempo hábil para escrever a matéria.

A analista de comunicação, Diana, destaca ainda o estresse por trabalhar no limite do tempo, no *deadline*, e por sair da redação para fazer uma pauta e acabar fazendo outra. A jornalista Camila aponta que é do tipo que quanto mais se estressa mais se foca na produção do precisa fazer. Ela expressa também como fonte de estresse o curto tempo de trabalho – cinco horas diárias – em relação as demandas, principalmente quando precisa sair da redação para entrevistas e fotos; a cobrança das editoras para que o texto fique pronto até o fim do expediente, estresse por ter que lidar com pessoas que nem sempre são agradáveis, estresse também pela responsabilidade e alcance do que escreve para o jornal.

Segundo a profissional, mesmo que sua rotina seja estressante ela é, atualmente, melhor organizada. No emprego se tem a ideia de trabalhar com produção adiantada mas nem sempre se consegue produzir a matéria no tempo planejado e essa é também uma circunstância geradora de estresse.

Às vezes acontece que a matéria que eu tenho pra amanhã me ocupou tanto tempo que eu não consegui pré-produzir. E aí? Isso começa a te estressar, começa a te incomodar, e aí quando tu vê é quarta feira e tu não conseguiu pré-produzir e aí tu tem que entregar o texto na sexta. E aí é quarta-feira a uma e meia da tarde e tu tá assim, não é nem comendo as unhas, é os dedos já “meu senhor”.

Outra questão que nos interessava era se o jornalista já havia sentido algum tipo de dor influenciada pelo trabalho. Essa questão foi inspirada no trabalho de Reimberg (2015) que teve como resultado relatos de dores físicas como dor no pescoço, dor na cabeça, dor de garganta, LER, dor na mão, dos nos dedos, queda de cabelo, quanto dores de ordem emocional como insônia, ansiedade e síndrome do pânico. Ela destaca que a lista de dores foi maior entre os jornalistas mais jovens do que entre os mais velhos, apesar de estes últimos também relatarem casos do tipo.

Em nossa pesquisa, nem todos os entrevistados relacionaram as dores que sentiram exclusivamente ao trabalho. O assessor de comunicação diz que tem dores de cabeça e na coluna

frequentemente por passar muito tempo em frente ao computador mas que faz isso tanto em casa como no emprego e por isso não atribui as dores ao trabalho exclusivamente.

O jornalista concursado diz sentir dores quando se senta na cadeira em uma posição incorreta, quando fica muito preocupado, quando fica cansado. Ele diz que o cansaço lhe afeta bastante pela rotina de ter que trabalhar de manhã até de noite. Mas que as dores mencionadas não ocorrem com frequência.

Diana afirma que no seu trabalho atual como analista de comunicação não se lembra de ter sentido dores em função do trabalho. Mas relata que quando trabalha em redação as dores eram mais em função do emocional abalado quando precisava fazer uma matéria de tragédia. A analista considera que isso seja da condição humana, de sentir o sofrimento do outro. No entanto, pensamos que mesmo que seja um fator humano, o jornalista está muito mais exposto a isso pois precisa lidar com essas situações com muito mais frequência e de modo mais profundo ao ter que entrevistar os envolvidos.

O relato da jornalista de redação foi mais centrado nas dores que sentia quando estava no emprego anterior. Ela diz que no último ano em que estava na empresa as dores eram mais frequentes. Segundo Camila, algumas horas antes de ter que ir para o trabalho ela começava a “murchar”, sentir vontade de chorar, ter dores de cabeça, dores de estômago, “tinha tudo assim”. O jornalista freelancer responde que para ele é normal sentir dores ocasionadas pelo trabalho.

Dor aqui assim (tensão nos ombros), aqui assim também (próximo ao pulso) de estar escrevendo as vezes, mal colocado, chamam de LER, é lesão por esforço repetitivo, tento cuidar, mas isso é normal. Ter as vezes dor de cabeça. Acho que eu fiquei meio que um pouco por causa do trabalho no computador direto, sabe? Eu comecei a usar óculos até pouco tempo atrás. Sim, com certeza. Porque é uma profissão estressante mesmo, a gente acaba tendo alguns problemas físicos, as vezes.

Segundo esse profissional, as dores que sente começaram a ser mais frequentes desde que intensificou seu ritmo de trabalho, trabalhando ao mesmo tempo para o sindicato e para um jornal, na época. “A gente aumenta o ritmo e as vezes acaba achando que dá e vai indo assim. A gente acaba não se cuidando muito”. Desses relatos sobre dores e problemas de estresse abordados pelos entrevistados depreende-se que elas ocorrem com mais frequência aos jornalistas que trabalham ou trabalhavam em redação e ao jornalista freelancer. Além dessas questões complicadoras da profissão, os jornalistas lidam também com o assédio moral.

A definição de assédio moral de Seligmann-Silva é “quando a dignidade de alguém é atacada de modo repetitivo, sistemático e deliberado durante um período prolongado, geralmente de vários meses” (SELIGMANN-SILVA, 2011, *apud* REIMBERG, 2015). Essa autora aponta que quando o assediado se torna indesejável para o assediador, pelos mais

diversos motivos, passa a excluí-lo, desqualifica-lo profissionalmente e desestabilizá-lo emocionalmente.

Todos os participantes da pesquisa relataram já terem vivenciado ou presenciado uma situação de assédio moral, com exceção do jornalista Carlos, que disse nunca ter visto ou passado por uma situação desse tipo. No entanto, ele complementa a resposta com a seguinte frase: “Claro, eu já vi chefe xingando funcionários assim, mas de alguns erros banais cometidos, sabe?” e quando perguntamos para o entrevistado qual sua definição de assédio moral ele responde que entende como assédio quando o patrão persegue o funcionário sem uma motivação. “Se tu faz uma cagada eu entendo, sabe? Na nossa profissão tu cometer um erro, todo mundo vê. É muito fácil. Mas, se tivesse uma perseguição pontual para aquela pessoa assim direto, isso eu considero como assédio moral”.

Da mesma maneira que há jornalistas que não reconhecem uma situação de assédio moral como tal, há jornalistas que mesmo ao vivenciarem e reconhecerem uma situação de assédio, se sentem de “mãos atadas” ao emprego por diferentes razões. No caso de nossa entrevistada Camila, ela relata que mesmo passando por isso, ela permanecia no emprego, ou nas palavras da entrevistada, se arrastava na empresa por medo de não conseguir um emprego melhor, por ter contas para pagar, por dizer ser difícil arrumar emprego na área.

“Teve uma vez que eu olhei pra pessoa e disse “isso que tu tá fazendo é assédio moral meu querido. Não é porque tu é chefe que tu pode fazer isso”

“E aí eu fui me arrastando um ano na empresa, fui sofrendo mil e um tipos de assédios morais assim, os assédios morais mais bizarros possíveis, e fui aguentando porque pensava nisso “eu tenho o meu aluguel pra pagar, eu tenho minhas contas pra pagar, eu tenho a minha vida pra viver”.

A entrevistada Diana comenta que acha que o assédio moral acabou se naturalizando nas redações, se tornando “muito mais comum do que deveria ser”. É importante ressaltar também a fala do entrevistado Francisco sobre esse tema quando destaca que o assédio moral aconteça menos com ele em função de sua idade e experiência profissional “Como eu tenho muita experiência já, o pessoal tem uma certa respeitabilidade, entendeu?”. Ele destaca também o gênero como um fator propício a isso e aponta que vê mulheres e jovens com maior tendência a passar por esse tipo de situação. “Como a pessoa é jovem, como a pessoa é mulher, como a pessoa é inexperiente ainda, né, ela não tem aquela firmeza pra dizer não ‘não, eu não vou fazer isso, ah, outra pessoa podia fazer” e que isso influenciaria na hora de a jornalista aceitar ou rejeitar uma tarefa a ser desempenhada.

O jornalista concursado, Joaquim, considera que, atualmente, pelo fato de as pessoas saberem mais os seus direitos, essa cobrança mais dura e rígida do chefe tenha diminuído porque os chefes também estão mais atentos aos regramentos, ao modo mais correto de tratar o profissional. Mas, infelizmente, ter conhecimento sobre a lei e a forma de tratamento entre chefes e empregados não determina que esse tipo de prática deixe de acontecer, como no caso da jornalista participante da pesquisa, Camila. Em diversos momentos da entrevista ela demonstrou saber as normas da constituição trabalhista a que o jornalista está submetido e, mesmo assim, sofreu os assédios “mais bizarros” como ela mesma exclama.

Com relação aos prazeres gerados pela profissão de jornalista, os entrevistados da pesquisa de Reimberg (2015) relataram o que, para eles, era fonte de prazer profissional:

o próprio resultado do trabalho; a matéria que dá certo, ter o nome no jornal; ter o reconhecimento dos leitores; trabalhar em um local em que você gostaria de trabalhar; ver o texto terminado e achar que ficou bom; o alívio de entregar uma matéria e ter ficado legal; sentir-se participando do mundo; ajudar a transformar uma situação; a possibilidade de influenciar a sociedade e ter impacto na vida das pessoas; acesso ao conhecimento; conhecer diferentes realidades; mostrar o que existe; fazer a pauta e obter reconhecimento; ver que o trabalho tem resultado; a intensidade do trabalho e das entrevistas; o prazer de conseguir a informação. (REIMBERG, 2015, p. 332-333)

Para os jornalistas da nossa pesquisa o prazer profissional consiste em conquistar a confiança da pessoa no pior momento da vida dela, contar uma matéria e ela ter uma repercussão que traz um benefício pra alguém, ter o trabalho reconhecido, o editor gostar do trabalho produzido, conseguir terminar as matérias em meio a correria, quando produzem matérias que eles mesmo gostam e que os leitores gostam, “fazer a diferença na vida de alguém”, ajudar alguém ao contar sua história, divulgar o próprio trabalho, ter o nome assinado na matéria e as pessoas verem isso, fazer o trabalho render, quando o trabalho contribui para melhorar a vida das pessoas. Algumas frases podem ter sido ditas de maneiras diversas, com palavras diferentes, mas que guardam o mesmo significado: ser reconhecido pelo trabalho que desempenha e com o seu trabalho poder auxiliar outras pessoas.

Os jornalistas de nossa pesquisa também proferiram frases em que mesclavam as dificuldades enfrentadas com a satisfação gerada pelo trabalho. “Eu tenho amor por aquilo que eu faço. Então eu acho que isso ajuda muito a superar tais adversidades”, “acabava me sobrecarregando, mas eu gostava do que eu fazia”, “o trabalho de redação ao mesmo tempo em que ele é estressante ele é gratificante também”, “foi corrido mas valeu a pena”, “é estressante, é louco, é corrido mas tem dias que tu chega em casa e que tu olha e diz ‘ficou foda’” foram algumas das frases ditas pelos profissionais que exemplificam essa relação com a profissão.

Reimberg (2015), alinhada com outros autores, afirma que os jornalistas suportam os sofrimentos e conseguem, em muitos casos, transformar sofrimento em prazer pelo sentido que o trabalho assume em sua vida.

Como dissemos no início do capítulo, os dois primeiros tópicos são mais descritivos e ajudam o leitor a perceber o contexto dos entrevistados. Os dois últimos tópicos, em que se mostra a relação do trabalho com a vida pessoal e o que consideram sofrimento e prazer no trabalho, são melhor percebidos a partir do momento em que se conhece esse contexto e o lugar de fala dos entrevistados.

A partir das entrevistas e da análise que construímos podemos fazer ainda algumas considerações. Os dois jornalistas mais velhos da nossa pesquisa, Francisco e Joaquim, com mais de 20 anos de experiências profissionais, abordam em suas falas o que alguns autores apontaram – e que mencionamos no primeiro capítulo – sobre a falta de criticidade dos jornalistas mais novos que ingressam no mercado de trabalho. A “falta de leitura dos mais novos para entender o mundo” ou ainda “se os professores indicam acham uma chatice a leitura” são observações que esses profissionais fazem e que, segundo eles, é um dos aspectos que faz com que se perca a consistência do conteúdo jornalístico que tem sido produzido atualmente. É na fala desses dois entrevistados também que a ideia idealizada da profissão aparece com mais força, até pelo contexto em que se deu a formação.

É importante ressaltar também que quando tratamos das remunerações dos profissionais, quatro dos cinco entrevistados manifestaram o desejo de receber mais do que ganham atualmente. O único que não apontou esse desejo foi o jornalista concursado. Com exceção da jornalista de redação, os demais entrevistados – mesmo que quisessem ser melhor remunerados – consideraram que o que ganham está acima do que as redações pagam. Sua referência de ser bem remunerado ou não é sempre em comparação ao mercado de trabalho convencional.

Ainda sobre a remuneração, evidenciamos que o jornalista freelancer, como já mencionamos, é provavelmente um dos entrevistados melhor remunerados pela quantidade de vínculos de trabalho que desempenha. Contudo, ele já tem uma década de experiência profissional, já estabeleceu uma rede de contatos na cidade e possui a própria empresa que, como ele mesmo diz, tem a vantagem de oferecer uma nota fiscal ao contratante. No entanto, essa relação de boa remuneração e vínculo freelancer não se estende aos demais freelancers que ingressam no mercado de trabalho, principalmente os autônomos.

As assessorias de comunicação de sindicatos, a instituição pública e a rede de lojas, para os quais os respectivos entrevistados trabalham, nos pareceram ter maior possibilidade de diálogo com o jornalista. Haja vista que Carlos conseguiu negociar para que o sindicato que lhe

emprega o remunerasse com o piso salarial da capital. Francisco conseguiu negociar com os chefes os reajustes salariais além da entrada de mais pessoas da comunicação no corpo funcional do sindicato. Joaquim conseguiu liberação da instituição pública para estudos e eventos. Diana conseguiu ser liberada do emprego durante seu período de aulas do doutorado. O que não se viu, por exemplo, nas redações, como nos relatou uma das entrevistadas. É possível que a rotina mais regular de trabalho e essa possibilidade de negociação salarial e de outros benefícios com os empregadores sejam alguns dos motivos que tem atraído cada vez mais os jornalistas para as assessorias de imprensa.

Por fim, refletimos sobre algumas falas dos jornalistas quando abordam o uso frequente do *Whatsapp* ou do telefone para fazer entrevistas. Se, ao mesmo tempo, essas tecnologias são uma alternativa a mais para o trabalho do profissional, no sentido de economia de tempo e comodidade, nos faz pensar também que impactos essa comodidade pode ter no produto final produzido, principalmente quando se lida com temas como política, por exemplo. E uma das consequências mais preocupantes, como aponta Adghirni (2005), é a autonomia do profissional que fica reduzida diante das fontes. Sem a possibilidade do confronto, por vezes necessária, o jornalista tende a acabar “comprando a versão” que a fonte lhe oferece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tantas mudanças na área acontecendo, que também são fruto de reestruturações sociais e econômicas, o próprio mercado de trabalho jornalístico faz um movimento de experimentação de formas de apresentação do seus produtos e busca soluções para a equação que segue sem resposta: como tornar o mercado de notícias na internet rentável. Ao mesmo tempo, a academia também reestrutura sua grade curricular na tentativa de se ajustar e acompanhar as mudanças que vem ocorrendo na profissão.

Para que mercado e academia possam oferecer soluções de maior compatibilidade com as reestruturações da profissão um primeiro movimento necessário é a tentativa de entender essas mudanças. Para isso é preciso também ouvir os profissionais que estão trabalhando e vivenciando cotidianamente esse processo.

É nessa motivação que nosso trabalho se apoia. Nessa possibilidade de ouvir profissionais, seus desafios, sua relação com a profissão. Para isso, realizamos entrevistas com quem está atuando diretamente no campo por considerarmos que essa é também uma forma de entender as mudanças pelas quais o jornalismo vem passando. Destacamos ainda que mesmo que a reestruturação do capital tenha afetado também outras atividades, nesse trabalho enfocamos apenas as mudanças que ocorreram no jornalismo.

Assim, nosso trabalho foi estruturado em quatro capítulos: No primeiro, abordamos as mudanças estruturais da profissão, baseados principalmente nas conceituações de Adghirni (2012), que aborda a desregulamentação profissional, as rotinas produtivas e a mudança do perfil e identidade dos jornalistas.

No segundo capítulo trouxemos as principais pesquisas em que aparece a relação da vida pessoal do jornalista afetada pelo seu trabalho. Estudos como os de Reimberg (2015), Figaro (2013), Killesse e Machado (2009), Grisci e Rodrigues (2007) Ferracioli (2000) Heloani (2003) e Travancas (1993) nos foram importantes para entender essa relação.

No terceiro capítulo abordamos nossas práticas metodológicas, explicando de que maneira realizamos a seleção dos entrevistados, a construção das entrevistas e a análise delas. Explicamos as categorias construídas a partir da nossa análise de conteúdo: sentido do trabalho, organização do trabalho, vida pessoal e trabalho e prazer e sofrimento no trabalho. Já no quarto capítulo, nos debruçamos sobre essas categorias para alcançar os objetivos propostos. Um de nossos objetivos era compreender o que motiva o jornalista a ingressar e permanecer na profissão. Percebemos que entre os entrevistados foi comum o relato do gosto pela escrita como

mola propulsora dos indivíduos a esse caminho e o que os mantém nessa área, mesmo com os dissabores, é o sentimento de amor pela profissão.

Com as entrevistas, pudemos observar que o trabalho afeta a vida pessoal de todos os entrevistados. Alguns são afetados em função de levar as preocupações para casa e se envolver com o sofrimento da fonte sem poder ajudar, por exemplo. E outros já são afetados no sentido de não conseguirem “aproveitar a vida como gostariam”, como deixar de ir a lugares e se relacionarem com pessoas que gostam, como nos relataram o jornalista freelancer e a jornalista de redação no emprego anterior. Ou seja, as afetações do trabalho na vida pessoal para os entrevistados ocorrem de modos diversos. Observamos também que o trabalho do jornalista freelancer, que conjuga diferentes atividades, e o trabalho realizado em redação foram os mais problemáticos no sentido de serem apontados como maior fator gerador de estresse e de dores.

As visões dos profissionais sobre a profissão e sobre o como se definem como jornalistas foram as mais diversificadas mas constantemente vieram à tona nas falas a questão da precarização da profissão, a pouca valorização, o ritmo intenso de trabalho e o desempenho de múltiplas funções.

Era um de nossos objetivos verificar como os diferentes vínculos de trabalho exercidos têm relação com a qualidade de vida do jornalista. Nesse sentido, o único entrevistado que disse não ter qualidade de vida no trabalho, a partir do que ele considera como qualidade de vida, foi o jornalista freelancer. Os demais entrevistados consideraram ter qualidade de vida no trabalho mesmo que com algumas ressalvas.

Vimos também as possibilidades de negociação existentes entre jornalistas e assessorias de imprensa, que cada vez mais vem se consolidando enquanto espaço possível de trabalho para esses profissionais. Constatamos ainda que os jornalistas suportam e muitas vezes transformam os sofrimentos da profissão em prazer em função do significado que o trabalho tem em sua vida.

No jornalismo *online* não há um horário de fechamento, um *deadline*, a produção é ininterrupta. Somado a isso, tem-se as redes digitais de comunicação móvel, como *Whatsapp*, o *Messenger* e *Facebook*, que por acelerarem ainda mais os processos comunicativos, são cada vez mais utilizadas pelas empresas jornalísticas e instituições. Assim, a fronteira entre horário de trabalho e do horário de descanso dos jornalistas tem sido cada vez mais diluída, como observamos em algumas entrevistas em que os jornalistas apontaram ter dificuldade em se desligar do trabalho por causa dessas tecnologias.

A pressão do tempo sobre a produção das informações sempre existiu, mas com as tecnologias digitais esse processo vem se intensificando, como já mencionamos em outros

momentos do trabalho. Com as falas dos entrevistados percebemos também que em tempos de rotinas produtivas cada vez mais aceleradas, com jornalistas exercendo diversas funções ao mesmo tempo, a organização e o planejamento viraram palavras de ordem na profissão. E quando esse planejamento não acontece tanto por parte dos jornalistas freelancers – que gerenciam sua própria rotina – quanto por parte de empresas jornalísticas (seja para gerenciar as atividades, lidar com as relações humanas ou em termos financeiros), as chances de o trabalho se tornar desgastante para o profissional e afetar sua vida pessoal acabam sendo muito maiores.

O critério das entrevistas com jornalistas de Santa Maria se mostrou bem interessante pois pudemos captar como alguns profissionais enxergam seus colegas de trabalho. Um dos entrevistados opinou, por exemplo, que acha o pessoal que trabalha em redação muito preguiçoso pois “eles querem fazer aquelas 06, 08 horas no jornal e voltar pra casa e deu”. Pudemos tomar conhecimento também das propostas de emprego oferecidas aos jornalistas. Camila, por exemplo, diz ter recebido uma proposta para trabalhar para um vereador por quatro horas diárias e ganhar R\$ 600 reais, sem possibilidade de hora extra. Ela relata que já lhe ofereceram R\$ 1300 reais para trabalho de assessora em Porto Alegre, valor muito abaixo do piso da categoria. E, ainda, que foi recusada em uma vaga de emprego de uma cidade no interior por acharem que era qualificada demais para a vaga.

Sabemos dos limites do nosso estudo tanto pelo reduzido número de entrevistados quanto pela nossa pouca experiência de pesquisa. Mas acreditamos em seu valor significativo por trazer à tona fragmentos do imaginário da profissão e de como esse profissional se percebe diante das transformações do mundo jornalístico.

Nem todo nosso planejamento saiu da maneira que esperávamos. Para as entrevistas pensávamos em abordar cinco jornalistas que tivessem diferentes vínculos: um freelancer autônomo, um freelancer pessoa jurídica, dois jornalistas que trabalhassem de carteira assinada – sendo um em assessoria e outro em redação – e um jornalista concursado. Mas em decorrência também das próprias indicações dos entrevistados que sugeriram outros jornalistas para serem entrevistados (técnica de seleção dos entrevistados conhecida como de bola de neve) esse esquema não foi seguido. Os entrevistados tiveram dificuldade em indicar nomes de jornalistas freelancers autônomos e quando indicavam ou eles não estavam mais atuando na cidade, ou não atuavam mais no jornalismo ou ainda queriam responder a pesquisa por e-mail, contrariando um de nossos critérios. O pouco tempo que tínhamos para realizar as análises também foi um fator que dificultou a entrada desse vínculo empregatício no trabalho.

Precisamos optar pelo encerramento da busca por entrevistados para que o tempo para análise das informações não fosse comprometido.

Outra questão que se apresentou foi que ao entrevistarmos uma das jornalistas, pensamos que ela seria assessora de imprensa quando na verdade sua função era a de analista de comunicação. Mas optamos por não excluir essa entrevista por entendermos ser essa uma nova configuração profissional e também pelas informações obtidas terem sido de grande proveito já que a entrevistada possuía uma vasta experiência profissional.

Destacamos também que no momento em que transcrevíamos as entrevistas muitos *insights* surgiram sobre como poderíamos ter aprofundado certos pontos mencionados durante a entrevista e como algumas perguntas do nosso roteiro poderiam ter sido feitas de modo diferente para que deixasse uma maior margem para os entrevistados falarem.

Ressaltamos ainda que a pesquisa não se encerra aqui. Estamos abertos à sugestões e novas possibilidades de olhar para nosso objeto. Esperamos que esse estudo possa ser também uma faísca para outras pesquisas nessa linha e que seus resultados possam servir de alguma maneira para fins pedagógicos e científicos.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Z. L. **Mudanças estruturais no jornalismo:** travessia de uma zona de turbulência. PEREIRA, F. H. MOURA, D. O. ADGHIRNI, Z. L. (orgs.). Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012.
- ADGHIRNI, Z. L. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.2, n.1. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/viewFile/5928/5399>>. Acesso em 17 de maio de 2017.
- BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada:** o cotidiano dos jornalistas com o computador na redação. Florianópolis: Insular, 2003.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Snowball (bola de neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação. **Anais do...** Curitiba: Educere, 2011.
- BERTOLINI, Jeferson. **Formas duradouras e formas emergentes de trabalho precário entre jornalistas.** Revista Vozes e Diálogos, vol. 14, num. 01. Itajaí: Univali, 2015. Disponível em <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/7333/4549>> Acesso em 07 de maio de 2017.
- DUARTE, J. **Entrevista em profundidade.** In: DURTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- FERRACIOLLI, Márcio César. **A gente nem comenta porque isso, no dia a dia, acontece com todo mundo:** trabalho e sofrimento – o caso dos jornalistas. Florianópolis: UFSC - Dissertação (Mestrado), 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/78958/173227.pdf?sequenc>> Acesso em: 06 de junho de 2017.
- FIGARO, Roseli. **Jornalismos e trabalho de jornalistas:** desafios para as novas gerações no século XXI. Revista Parágrafo. v. 2, n. 2, 2014.
- FIGARO, Roseli. **Perfis e discursos de Jornalistas no mundo do trabalho.** In: As mudanças no mundo do trabalho do jornalista. Roseli Figaro (org.) Atlas, 2013.
- GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais.** In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa.** In: Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). 27^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2008.
- GRISCI, Carmem Ligia Iochis. RODRIGUES, Paulo Henrique. **Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós fordismo no jornalismo industrial.** Psicologia & Sociedade,

Porto Alegre, v. 19, n. 2, maio/agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/20434>> Acesso em: 08 de julho de 2017.

HELOANI, Roberto. O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida. **Interações**, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro, 2006, Universidade São Marcos, São Paulo.

HELOANI, Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Relatório de Pesquisa nº 12. São Paulo: FGV/SP (NPP – Núcleo de Pesquisas e Publicações). (2003)

HERSCOVITZ, Heloiza G. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KILLESSE, Sérgio. MACHADO, Marília Novais da Mata. Relações entre o trabalho do jornalista e seu estado geral de saúde. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 15, 2009, Maceió. **Anais...** Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/imagens/Anais_XVENABRAPSO/11.%20rela%C7%D5es%20entre%20o%20trabalho%20do%20jornalista%20e%20seu%20estado%20geral%20e%20sa%DAde.pdf> Acesso em: 29 de junho de 2017.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zelia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24. 2011.

QUADROS, Miriam; ASSMANN, Gabriela; LOPEZ, Debora C. **A análise de conteúdo nas pesquisas brasileiras em comunicação: aplicações e derivações do método**. In: BARICHELLO, Eugenia Mariano da R; RUBLESCKI, Anelise. Pesquisas em comunicação: olhares e abordagens. Santa Maria: Facos-UFSM, 2014.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-26062015-161358/pt-br.php>> Acesso em: 31 de maio de 2017

RENAULT, Davis. **O jornalismo sem diploma e o mercado de trabalho**. In: PEREIRA, F. H. MOURA, D. O. ADGHIRNI, Z. L. (orgs.). Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012.

RENAULT, David. **A convergência tecnológica e o novo jornalista**. Brazilian Journalism Research vol. 09 n. 02, 2013. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/575/490>> Acesso em: 22 de maio de 2017.

ROSSI, Clóvis. **Vale a pena ser jornalista?** São Paulo: Moderna, 1986.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das fontes:** o difusor do jornalismo corporativo. Biblioteca..... Documento Eletrônico. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/santanna-francisco-midia-fontes.pdf>> cesso em 15 de maio de 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Summus, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.